

tempo e **presença**

publicação mensal do CEDI

número 156 dezembro 1979
janeiro 1980



Termina o Ano da Criança. E daí?

Aconteceu

*Infância
violentada*

Bíblia hoje

*Revelação aos
pequeninos*

Última página

*Direitos
da criança*

Editorial

"Ai daquele que scandalizar um destes pequeninos" (Mt, 18, 6)

Maria Rita



Nossa sociedade com toda a sua imoralidade social perdeu a dimensão do escândalo. O escândalo ficou reduzido às notícias da alta sociedade decadente e reduzida a uma moral de conveniência: o que me é bom e me faz enriquecer é-me legítimo fazer.

Mas, o Cristo no seu Evangelho nos alerta para um outro escândalo. Um escândalo que é maldito na sua boca. E escândalo quer dizer a-pedra-em-que-se-tropeça.

E o Cristo amaldiçoa todo o que impede a realização plena dos pequeninos. Todo o que coloca pedras para que o outro tropece.

E agora paremos nós um pouco neste número de TEMPO E PRESENÇA sobre o menor. Deixemos que nossos olhos estarecidos passem pelas histórias destas crianças submetidas ao escândalo maior da vida: a sua própria exploração. "A criança é o futuro da sociedade", "a criança de hoje é o homem de amanhã" e tantas outras afirmações que mais soam como "slogans" para justificar todas as campanhas possíveis onde o sentimento coletivo é explorado e vendido em plásticos e bônus. De que sociedade a criança de hoje é o futuro? Da sociedade que nós, na nossa omissão, vamos legar a elas? Desta sociedade onde a fraternidade e o amor são o escárnio da miséria e da opressão. E nós, que nos autodenominamos cristãos, de que esperança falamos nós para estas crianças e pequeninos? Do nosso desespero de reconhecermos que pensamos demais nas nossas próprias vidas e seguranças. Das nossas mesquinhas e moralistas preleções aos pequeninos que acumulavam culpa e medo. Ou ainda do nosso medo de estarmos vivos e de fazermos gestos largos de solidariedade.

Que sociedade deixamos nós a estas crianças? Esta é a indagação do Cristo neste boletim que está nas suas mãos.

Uma sociedade que coloca pedras no caminho destes menores. Que impede a plena realização de suas virtualidades. Que explora a sua força de trabalho pagando miseravelmente a vida que escorre através dos sonhos que nunca serão realizados.

Aos poderosos, maior riqueza arrancada violentamente às custas de meninos e meninas impedidos de fantasiar um mundo mais longe e mais puro. Aos ricos, a fatura do escândalo. Aos pequeninos, a violência que lhes sobra e para a qual são conduzidos social e moralmente. Ai daqueles que scandalizam! Ai dos que impedem a vida e a humanização de uma criança!

Somos nós os réus deste tempo e desta situação concreta onde milhares de crianças choram de medo e pavor da vida. E encontram na violência a resposta medrosa para o espólio de injustiças e exploração a que as condenamos.

Até quando scandalizaremos os pequeninos? Até quando, nós cristãos de mãos limpas, seremos os malditos do Cristo?

É isto que este número especial de Tempo e Presença quer nos revelar. Este momento de parada entre nossos seguros de vida, investimentos de capital, cadernetas de poupança para tentarmos, ao menos, denunciar esta sociedade escandalosa e criarmos um mundo onde as garantias e as poupanças serão investimentos seguros no coração, na vida e na construção de uma História feita pelos nossos filhos.

De uma vida mais larga, mais repartida do que a que temos conseguido. E, quiçá, não cobrirão os rostos de vergonha do espólio que nossas belas palavras e intenções deixaram-lhes. Eles nos questionam as vidas e nossas práticas incoerentes, vida que lhes pregamos inseguramente e que somos incapazes e impotentes para efetivarmos no nosso mundo e na nossa sociedade.

A eles cabe o julgamento da nossa história que, na maioria das vezes, tem se perdido em histórias inconsequentes e restritas a nosso mundo familiar preocupado com vizinhos e pseudo-morais que nos angustiam e nos conduzem à morte.

Até quando seremos nós os malditos do Cristo? . . .

tempo e presença

CENTRO ECUMÊNICO
DE DOCUMENTAÇÃO E
INFORMAÇÃO - CEDI

Diretor
Domício Pereira de Matos

Coordenador
Paulo César Loureiro Botas

Planejamento Visual
Claudius Cocoon

Arte

Alvaro A. Ramos

Equipe Rodovias

Carlos Cunha, José Ricardo Pereira Ramalho, Virgílio Lourencenti Jr.

Conselho Editorial

Carlos Alberto Ricardo, Leticia Cotrim, Zwinglio Mota Dias, José Ricardo Pereira Ramalho, Carlos Rodrigues Brandão, Jethier Pereira Ramalho, Eliete Lopes, Henrique Pereira Junior, Carlos Meesters e Beatriz Araújo Martins

Composição e Fotoilho

Clk - Rua do Senado, 200 - 1102
Assinatura anual: Cr\$ 300,00
Remessa em cheque pagável no Rio para
Tempo e Presença Editora Ltda.
Caixa Postal 16.082 - 22241
Rio de Janeiro - RJ
Publicação mensal
Registro de acordo com
a Lei de Imprensa



Termina o Ano da Criança. E daí?

Encerrou-se a década dos anos 70. Falou-se muito mas as esperanças não foram tão renovadoras como se esperava que fossem. A ONU declarou o último ano desta década como o ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA. E o Brasil prontamente declarou, como seu, o ano de 79: ANO I DA CRIANÇA BRASILEIRA.

E foi todo um espalhafato. Cadeia nacional de televisão, senhoras condoídas oferecendo suas bijouterias de luxo. Políticos velhos e famosos oferecendo óbulos surpreendentes ou fazendo declarações de impacto: "Fulano deu tanto? Dobro!". Cantores derramaram lágrimas televisíveis. A classe média mobilizou-se em campanhas fartamente cobertas com retratos e entregas de prêmios.

Descobriram a miséria da criança brasileira. E nosso "sentimento pátrio" foi

atingido como um chute no ... estômago. Acabada a festa entre risos e emoções, entre confetes e serpentinas descansaram os seus promotores certos de terem aumentado os seus ibopes populares. O show deles terminara. O das crianças continuava dolorosamente a sua trajetória.

Diante de toda esta pompa que mais serviu a alta sociedade e ao governo as histórias de vida dos menores brasileiros são bem diferentes. Começa agora o show...

A HISTÓRIA DE MARCELO

Marcelo mora numa favela da Vila Prudente, São Paulo, numa casa de dois cômodos, num total de 24 metros quadrados. Dorme ao lado do fogão, no chão de terra batida, num amontoado de palhas coberto por um pano.

Marcelo tem sete irmãos. O mais velho, Ezequiel, de onze anos, é "office-boy" numa loja de ferragens. A mãe, Conceição Rodrigues, trabalha fora e já foi casada três vezes. Segundo seu irmão Abel, Marcelo dorme muito e vive cansado o dia todo. Dias há em que nem se agüenta de pé.

Marcelo sofre de esquistossomose, já teve difteria, desidratação e pneumonia. Já esteve no Hospital das Clínicas duas vezes, na última ficou quarenta dias.

Marcelo levanta às cinco da manhã para ajudar a mãe e os irmãos a buscar água numa bica na favela. Do barraco à bica são duzentos metros. A espera na bica é de meia hora no mínimo. E Marcelo vai e volta umas três a quatro vezes ao dia, porque ele só carrega um litro de água por vez. Até às dez horas da manhã



fica ocupado com a água. Entre dez e onze horas vai comprar pão na "Venda do Antônio". Suas irmãs, Luci, de 8 anos e Eva, de 9 anos, fazem a comida, cujo menu é invariavelmente arroz, feijão e farinha de mandioca.

— É almoço e jantar, quando tem os dois. No Natal, a gente come melhor um pouco, porque tem um homem que distribui sacos de comida para nós. Aí tem coisa boa: sopa de pacote, arroz do bom, feijão e até macarrão — Explica Abel, irmão de Marcelo.

Depois do almoço Marcelo dorme ou brinca um pouco com seus amigos.

Marcelo não foi registrado. O pai de Marcelo mora com outra mulher, tem outros filhos e não o reconheceu como filho. A mãe acha que não vai fazer falta nenhuma ele não ser contabilizado como um brasileiro a mais. Além disso, provavelmente ele não irá à escola, como seus irmãos também não vão. O Grupo Escolar mais perto, fica a uma distância de 15 quadras e sua mãe não tem dinheiro para a condução dos filhos.

No final da tarde, quando tem comida, Marcelo janta. Quando não tem, vai dormir sem resmungar. Se resmungar, ganha um tapa na mão e outro na cara e tá resolvido o problema.

Conceição, mãe de Marcelo tem a seguinte opinião sobre ele: — Ele é pequeno mas muito preguiçoso. Vive cansado. Está sempre dormindo quando eu chego (chega às oito horas da noite). Quase não falo com ele. Não dá tempo... Não falo com ele, ainda não aprendeu a falar. Só sabe resmungar coisas que ninguém entende. Não sabe falar mesmo, apesar de ser um homem. Marcelo é um homem de três anos.

FLÁVIO MARQUES: UM "OFFICE-BOY" EM SÃO PAULO

Flávio Marques, e milhares de companheiros de profissão, trabalha em São Paulo. Não há um escritório, uma casa comercial, uma empresa que dispense seus serviços. Eles fazem de tudo. Conhecem todas as ruas e becos, percorrem a cidade, levam em suas pastinhas contratos, cheques, documentos importantes, passagens.

Alguns companheiros de Flávio começaram a trabalhar com dez anos, às vezes nos seus próprios bairros, mas depois, partiram para o centro da cidade, em busca



Grajna

de registro em carteira e salário melhor. Eles trabalham oito horas por dia, de segunda a sexta-feira, alguns no sábado, e ganham salário mínimo. O dinheiro, quase todos entregam às mães, que lhes dão diariamente a quantia da condução.

Flávio e seus companheiros conhecem bem as artimanhas de sua profissão. Sabem que para sobreviver, precisam ter muita agilidade, rapidez, honestidade e lábia. Sabem também que têm de andar sempre com sua carteira profissional, pois correm o risco de serem confundidos com os trombadinhas. E têm ainda um rígido código de honra: nunca dexam o colega que fica fazendo hora na rua. Trocam favores nas filas dos bancos e das copiadoras, são sempre solidários uns aos outros, principalmente no desemprego, quando arrumam ou indicam um novo serviço para o colega.

Nos fins de semana, Flávio Marques gosta de caçar passarinhos, tatus e gambás; nos outros dias levanta às 5h45m, toma café e vai para o trabalho. Mora no Jaçanã, numa casa alugada, com a mãe e três irmãos. A mãe é operária numa fábrica e a irmã, também menor, trabalha como telefonista. Flávio gosta de seu trabalho:

— "Eu gosto de estar na rua. É bem melhor do que ficar trancado dentro da fábrica".

Ele sai do serviço às 17h30m e chega em casa por volta das dezenove horas,

com tempo apenas para comer alguma coisa e ir para o colégio, onde cursa a oitava série. Às onze horas da noite volta para casa, pronto para dormir.

Joaquim Mancini, colega de profissão de Flávio, tem praticamente a mesma vida que ele, só não estuda porque teve que abandonar a sexta série quando começou a trabalhar numa agência de viagens de São Paulo, já que "não tem idade suficiente" para conseguir vaga num curso noturno. Está com 13 anos.

A mãe de Flávio se preocupa com a vida que ele leva. Afinal, ela mal o vê. Mas ele afirma: "Eu sei me cuidar". E secretamente sonha com aventuras. Aventuras de "office-boy". Queria, por exemplo, que um trombadinha o assaltasse. "Igualzinho o que aconteceu com meu primo. Pularam na garganta dele com um arame, mas não levaram nada".

Flávio gosta de ganhar um salário melhor. Sua única preocupação é que logo fará 17 anos, quando a maior parte dos "boys" começa a ter problemas para arrumar emprego por causa do serviço militar. Tem planos para o futuro: quer ser militar. Não sabe se da Polícia ou do Exército. "O que eu quero mesmo é caçar bandido".

Mas, não são só os "office-boys" que gostam de trabalhar nas ruas e que conhecem bem a cidade. Os catadores de papel, os jornaleiros e os vendedores de amen- doim também.



ROGÉRIO, ROSA, PAULO, FLÁVIO E ROBERTO: CATADORES DE PAPEL

Com menos de 15 anos de idade, os irmãos Rogério, Flávio, Rosa, Paulo e Roberto trabalham treze horas por dia, catando papelão nas portas das lojas, para sustentar a família de nove pessoas.

A jornada de trabalho dos cinco começa às seis horas. Eles saem da rua Américo Brasiliense, onde moram em São Paulo e logo depois estão na esquina das ruas Barão de Duprat com Carlos de Souza, onde é o ponto de encontro da família. Ali o grupo se divide. Uns ficam na região de 25 de Março e outros vão para os calçadões e parte central da cidade.

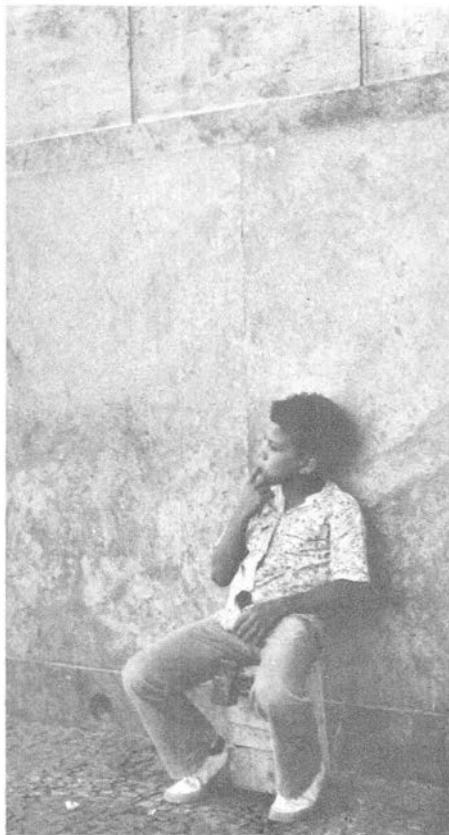
Em alguns dias não há tempo nem para um lanche. Trabalha-se direto. Mas, no final da tarde, praticamente todas as lojas da 25 de Março, Santa Ifigênia, Rua Aurora, Largo do Paissandu, Avenida Ipiranga e calçadões foram percorridos pelos cinco, que recolhem todo o papelão que encontram e levam a mercadoria para a esquina das ruas Barão de Duprat com Carlos de Souza. Às dezenove horas, passa o comprador, que eles conhecem apenas por "Seu José". Cada quilo de papelão é vendido por 80 centavos, mas o preço é apenas calculado. Nas semanas de bom movimento conseguem até Cr\$ 2.000,00. Tiram Cr\$ 50,00 do aluguel do carrinho e o resto entregam para a mãe, que fica em casa olhando os outros quatro filhos. É com este dinheiro que a família vive. O pai, que trabalhava no aeroporto, morreu vítima de tuberculose.

Os cinco catam papelão desde que chegaram a São Paulo, há três anos. Só Rosa, de 14 anos, sabe ler, aprendeu sozinha. Rogério, o mais velho, de 15 anos, saiu da escola ainda no primeiro ano e Flávio, o mais novo do grupo, com 11 anos, nunca entrou numa sala de aula.

PAULO CÉSAR F. DA SILVA: JORNALEIRO-VEENDEDOR DE AMENDOIM

Paulo César Ferreira da Silva, de 14 anos, mora numa casa de Cômodos em Queimados, Rio de Janeiro e é vendedor de amendoins. Seus irmãos, Artur de 11 anos e César de 16 também são vendedores.

De sete da noite às duas da madrugada, Paulo César está nos bares da Zona Sul:



"Eu ando Copacabana umas seis vezes, indo e voltando, depois vou pro Leblon e ando mais umas três vezes, venho até Ipanema e volto". Ele consegue vender uma média de 20 pacotinhos por noite — 20,00 portanto. Em casa, compra sete quilos de amendoim (Cr\$ 44,70), um quilo de papel para embrulho (20,00), um pacote de carvão (10,00). Com esse material faz perto de 200 pacotinhos, com a ajuda dos irmãos menores, "mas eles fazem mais é bagunça".

Paulo César tem algumas preocupações no seu serviço. Não consegue vender tanto quanto seus outros irmãos e quase sempre tem alguns pacotinhos roubados na rua. Mas, "o pior é os fiscais. Eles metem a mão e levam tudo e a gente nem pode reagir. Se abre o bico vai preso".

As duas ou três horas da manhã, Paulo César se encontra com seus irmãos para juntar o dinheiro, contar os pacotinhos que sobraram e guardar os fogareiros no depósito de um bar. Os outros dois voltam para Queimados e Paulo César vai até o Jornal O Dia, no centro da cidade, compra cem jornais e volta para Copacabana. Vai para o meio dos carros, indo e voltan-

do a Nossa Senhora de Copacabana. "E até acabar, enquanto não acabo eu não paro, não vou perder dinheiro. Amendoim a gente requeenta, jornal não. É pior, porque quando eu vendo amendoim posso até ficar calado. Vendendo jornal eu ando a Copacabana umas oito vezes".

Paulo César não come nada enquanto trabalha. Nem mesmo os amendoins: "Eu não agüento este cheiro e comer trabalhando é pior, a gente fica com sono". É só quando volta para casa, ali pelas duas e três horas da tarde, que Paulo César vai comer: "Eu digo que é jantar, porque depois eu vou dormir, mas a minha mãe chama de almoço porque é a hora que ela está almoçando. Depois que eu faço as contas com minha mãe eu durmo um pouco... Dormir mesmo eu não consigo, as crianças fazem muito barulho".

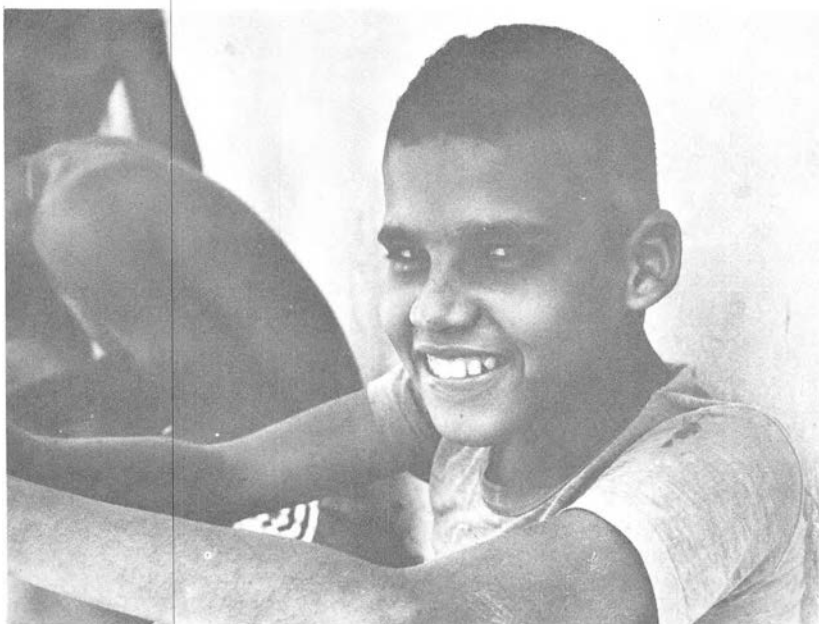
Assim como os irmãos de Paulo César, que não vendem jornal, só amendoim, porque vão à escola de manhã, outros menores também conseguem arrumar um trabalho que lhes permite estudar.

LUIZ ALBERTO, AMARILDO E DELSON: OS BRITADORES DE PEDRA

Em Manicoré, Amazonas, os britadores de pedra são meninos de 8 a 13 anos.

Luiz Alberto, de 11 anos narra com orgulho: "A gente trabalha das sete da manhã até às onze horas. Aí vai para casa, almoça, volta às duas da tarde e larga às cinco. Tem vez, quando a gente quer que faz dia redondo, trabalha direto até às três da tarde e só come depois. Aí a gente vai estudar, fazer as tarefas que a professora manda na escola... Eu já levantei às cinco da manhã e trabalhei dia virado até às nove da noite. É que tem que aproveitar quando tem sol e quando tem pedra: a gente não pode ganhar dia de chuva nem de coença, né? E às vezes também, tem que esperar um mês parado, até aparecer construção nova. Então é de dia, é de noite, é só ter luz que a gente está aqui, quebrando pedra. Foi a gente que britou pedra para todas as praças de Manicoré, as praças novas que o prefeito mandou fazer. A gente também ajudou a fazer a Agência do Banco do Brasil. O Hospital novo nós fizemos os muros, o piso e as paredes. Todos os prédios novos têm pedras britadas aqui pela turma".

Amarildo de Souza, companheiro de Luiz Alberto, acha bom trabalhar de par-



Grajina

ceiro por causa dos estudos e “também é mais vantagem trabalhar de dois porque um sozinho enche umas oito latas de pedra por dia (latão de 20 litros) e dois trabalhando junto já enche umas vinte até. Nós ganha Cr\$ 1,30 em cada lata. As de pedra mais dura, “Seu” Henrique paga Cr\$ 2,00. Então trabalhando junto rende mais”.

Delson também gosta muito de seu serviço, só que “Nós tudo já deu uma marteladinha no dedo e tem também as pedras que cai no pé, na hora de pegar para britar. Distrai, acontece. Outras vezes espouca mesmo os dedos, mas o chefe até nem se incomoda, isso acontece muito, é coisa pequena. Tem uma pedras mais dura, que voa muita lasca e quando solta cavaco maior vem cortando fundo, vem afiado. Às vezes a gente nem sente que o cavaco entrou na perna, no braço, fica de pensamento no trabalho”.

Cristina porém, que mora em São Paulo, não tem problemas com cavacos de pedras. Ela trabalha numa fábrica.

CRISTINA: A OPERÁRIA

Cristina tem 13 anos e é operária da Fábrica de Cigarros Souza Cruz. Sai de casa às 5h30m., toma um trem na estação de Guianazes para ir até à fábrica, no Brás. À noite vai a escola e sonha estudar medicina: “Porque quero sair deste infer-

no que é o cheiro de alcatrão com nicotina. É um gosto que parece mel azedo. Não sei como a gente agüenta”.

Cristina só passeia nas noites de sábado. Ela tem um namorado, Paulo, que é menor, operário não especializado. Ela ganha mais do que ele, mas não pode nem pensar em casar: “Tenho que sustentar minha casa. Sou a mais velha. Minha mãe é lavadeira, não ganha quase nada. Meus irmãos, tenho quatro, são todos menores, nenhum deles trabalha. Em casa, a gente vive com o que eu ganho e com o que minha mãe lava de roupa. Meu pai, antes de morrer, estava a seis meses desempregado. Não deixou nada para nós”.

Outras meninas, que moram em São Paulo, não tem um dia a dia igual ao de Cristina. Não trabalham fora.

ROSANA: UMA DONA DE CASA

Rosana Cristina tem 11 anos. Sua mãe é empregada doméstica e trabalha fora o dia inteiro. Rosana tem sete irmãos e mora num barraco de madeira, suspenso por alguns caibros, feito palafita, dentro de uma lagoa suja.

Rosana conta a sua vida: “Eu levanto muito cedo, faço café e vou buscar água para lavar a louça. Aí as crianças começam a acordar. Depois do café eu vou lavar roupa. Aí eu vou buscar outra vez a água. Tem dias que eu peço pro meu irmão me ajudar, mas ele nem liga, o que ele quer fazer mesmo é brincar. Então,

pra ganhar tempo eu pego uma lata bem grande (20 litros) encho até em cima e trago. Quando chego aqui estou quase morrendo. Depois eu faço almoço, dou banho nos pequenos, depois eu lavo a louça e vou para a escola. As crianças ficam dentro de casa até eu voltar. Fico na aula com medo de acontecer alguma coisa com meus irmãos.

Eles são muito pequenos. E ainda tem esta lagoa, eu não tenho sossego, fico com medo deles caírem aí dentro. A lagoa não é funda, mas tem muita porcaria aí dentro. Tem perigo de dar doença, essa lagoa é um perigo muito grande”.

Rosana sabe ser boa mãe, principalmente para o neném de seis meses: “Eu tenho que ter muito cuidado com a pequeninha, está começando a nascer os dentinhos e se ela cair pode se machucar. Nos outros, quando eles fazem bagunça, eu dou uns tapas e ponho na cama. Tem uns que às vezes ficam bravos, mas não adianta, quando a minha mãe não está em casa quem cuida deles sou eu. Se eu faço comida todos os dias, lavo roupa e limpo a casa, também tenho de dar bronca quando eles merecem”.

O dia da semana que ela mais gosta é domingo, dia em que a mãe de verdade está em casa. “Neste dia eu brinco bastante, pulo corda e danço”.

O sonho de Rosana é ser médica: “Porque a gente tem mais futuro, ganha mais dinheiro. E o que eu quero mesmo é tirar minha mãe de dentro desta lagoa. Eu que-



Grajina

ro ficar grande logo para poder ajudar minha mãe. Tem dia que ela fala que vai parar de trabalhar aí eu falo para ela não parar não, o dinheiro do meu pai só, não dá para nada. Então eu explico, falo para ela não ficar preocupada no serviço que eu cuido bem da casa e das crianças, e quando eu crescer vou ajudar muito ela”.

Outras crianças não esperam crescer para realizar seus sonhos, como é o caso de João Baiano, que consegue se virar tendo dois trabalhos distintos.

JOÃO BAIANO: RODINHO E TROMBADINHA

João Baiano, nascido em Salvador, mora na Vila Penteado, em São Paulo, com sua família: pai, mãe e quatro irmãos. João estudou até a primeira série ginasial. Tem conhecimentos de história, gosta muito de ler jornal e está sempre a par de tudo. Tem também suas opiniões sobre política e, segundo ele, “o melhor presidente que o Brasil já teve foi o Juscelino”.

João Baiano já foi office-boy, mas ganhava muito pouco, só Cr\$ 260,00 por mês e com seus novos serviços, já até realizou um de seus sonhos: comprou um gravador de Cr\$ 450,00 e está juntando dinheiro no banco porque daqui a mais dois anos pretende abrir um negócio: “quero ter uma firma de calçados”. Atualmente João tem duas profissões: uma fixa – rodinho ou limpador de pára-

brisa e outra ocasional – trombadinha ou pequeno assaltante de rua.

Sua renda mensal é de três a quatro salários mínimos. Ele trabalha de oito às dezoito horas, como limpador, e mais dois ou três dias por mês, como assaltante.

Mas João Baiano enfrenta alguns problemas. Como limpador, os três principais são os guardas de trânsito, que de vez em quando dificultam o trabalho; a percentagem que tem de dar a Pedrão, como boa parte dos menores que atuam na rua São João; e os riscos de prisão.

Como trombadinha, o maior problema é o medo. “Nesse meio de vida, a gente rouba, mas rouba com medo. A maior parte dos meninos não tem pai, nem mãe e rouba por tudo isso. Dei uma trompada em um homem que vinha pela São Luis e levei seis mil cruzeiros. Aí, fiquei dois meses sem trabalhar”.

Mas como vivem e trabalham os outros trombadinhas de que João Baiano fala?

LUMPINHO, CAIXINHA, MALU, SETE PERNAS: PIVETES OU TROMBADINHAS

Caixinha, Malu, Sete Pernas e Lumpinho andam sujos, com roupas rasgadas e vagam pela cidade até tarde da noite. À noite, toda entrada de porta serve de abrigo e toda folha de jornal serve de cobertor. Atualmente eles moram na rua Raimundo Correia, em Copacabana, no Rio,

e todas as manhãs realizam sua reunião geral: Caixinha, Malu, Careca, Gato, Sete Pernas, Paraibinha e suas “esposas” combinam o que fazer durante o dia.

O mais novo deles, Lumpinho tem seis anos e anda com uma flanela na mão, ganhando uns trocados limpando carros. Suzana tem doze anos e todas a acham linda e é a “esposa” de Careca, que tem um ano a mais que ela. Beth, tem quinze anos, está grávida mas também acompanha os garotos nos assaltos.

Caixinha, um garoto mulatinho que usa sempre um chapéu de palha na cabeça gosta de ficar sentado na calçada, em frente a lojas de eletrodomésticos, vendo televisão. Mantém sempre num esconderijo, que só ele conhece, um caderno rasgado onde passa e repassa contas de somar e subtrair para treinar e onde escreve carta de amor para namoradas imaginárias.

A grande maioria dos menores trombadinhas são analfabetos, mas muitos deles têm gastos fabulosos com “educação profissionalizante”. Em 1975, uns quarenta menores freqüentavam a escola do professor Idemar de Souza, onde recebiam aulas sobre assaltos. E, como taxa para os ensinamentos recebidos, eram obrigados a pagar ao professor, uma cota diária de Cr\$ 300,00. Assim como eles, os outros trombadinhas também preferem agir em grupo e é muito raro encontrar um que trabalha sozinho. Geralmente não só trabalham em grupo como estão bem organizados e têm uma palavrado próprio, técnicas e rígido código de honra.

CÓDIGO DE HONRA

No Código de honra é terminantemente proibido: 1. Delatar um companheiro; 2. Roubar o ponto de ataque dos outros ou o ponto de “serviço”; 3. O medo (só é permitido a um menor que pratica uma ação criminosa pela primeira vez, quando é ainda considerado um aprendiz); 4. Tirar uma ação; 5. Faltar com a palavra e não dividir corretamente o resultado de um assalto; 6. Interessar-se pela menina do outro (só quando a menina foi “lixada” por um menor é que outros podem tentar ganhá-la).

No país porém, existem outros menores abandonados que não passam todos os dias de suas vidas nas ruas. Foram recolhidos por instituições, como as Fundações



Um novo vocabulário

às queimas = de qualquer maneira
 arreiar = cair
 baculé = coisa pequena
 biaba = surra
 berro = revólver
 bizú = volta ao passeio
 bocado = porção
 cabixar = falar baixo, cochichar
 canal particular = colaborador de assalto
 crequecreque = bagunçar
 limpeza = gente boa
 lixo = coisa sem valor
 lixado = abandonado
 mascar fogo = ficar com medo
 metra ou metranca = metralhadora
 mercadoria = carteira
 mica = amor
 mina = menina, garota
 milhos = dinheiro grande
 montes = muito
 mosqueta = tiro
 nota alta = muito dinheiro
 parada = acabar com uma coisa
 penicos = policiais militares
 pesada = assalto
 preda prá cabeça = muita maconha na cabeça
 peru = vítima fácil
 Django = valente
 dar bandeira = bobear

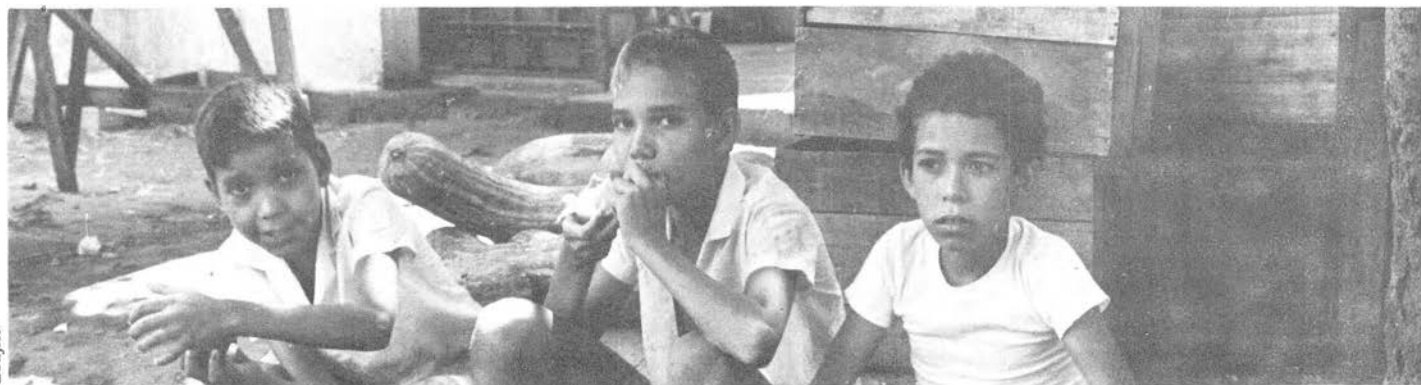
dar o reverso = efeito contrário
 espetar = matar ou ferir
 freguesa = mulher na mira de ser assaltada
 ganhar de mão grande = roubar
 garapa = facilidade
 gandola = palhaço, bobo, homossexual
 ganhar = conquistar
 jabá = comida
 lance = tentativa, ousadia
 pique = corrida
 pintar sujeira = um imprevisto negativo
 piruetar = estar deprimida
 pivete = criancinha
 trampo = trabalho
 turbinas = revólveres
 tungar = passar para trás
 raguzar = levar
 regulado = esconder o jogo, negar uma coisa
 rifar = matar, marginalizar
 sol = liberdade
 zuretar = matar a tiros
 zorra = confusão
 zongar = manter uma relação sexual
 xepa = comida
 ximbar = fumar maconha
 ximbada = maconha
 xiréu = aprendiz

Estaduais de Bem Estar do Menor, encarregadas de “regenerá-los”. Alguns permanecem nelas até completarem a maioria, outros saem e voltam, outros fogem, outros tentam o suicídio . . .

V.L. — P.C. — V.F.M. E WALDEMIR: INTERNOS DE FEBEMs E EDUCANDÁRIOS

V.L. — Interno da Funabem-Rio: “Meu irmão fugiu daqui e me deixou com a pulga atrás da orelha, mas me seguro. Aqui me dou bem, tenho quarto individual, já fui ao cinema ver “Embalos de Sábado à Noite”, comprei um rádio que ganhei envelopando Imposto de Renda pro governo. “Escancalho” desde os sete, e não quero mais ir para a rua, lá vou matar ou morrer. Se for pra rua, não vou ficar pensando em coisa boa. Mas pode deixar que eu vou ficar devagar”.

P.C. — Também interno da Funabem-Rio: “Estou há três meses aqui, no CRM, e há um mês não escovo os dentes. Não dão escova. Prefiro mil vezes a rua, lá faço coisas que aqui não dá. De qualquer forma, é melhor do que no Padre Severino, quase uma penitenciária de menor, batiam muito, tratavam como animal. Aqui é diferente, já saí a passeio, mas não pude sair do ônibus pra tomar banho de mar. Tive de ver a praia da janela”.



Grajina

Músicas feitas por menores da FEBEM que participaram do 1º Festival de Canção do Menor, realizado pela Secretaria de Cultura de São Paulo.

EU SOU

"Eu sou a que no mundo anda perdida,
Eu sou a que na vida não tem norte
Sou a irmã do sonho e dessa sorte
Sou crucificada dolorida
Sou aquela que passa e ninguém vê
Sou a que chora sem saber porquê
Sou a que chamam triste sem ser
Sou talvez a ilusão que alguém sonhou
Alguém que veio ao mundo pra me ver
E que nunca neste mundo me encontrou
Mas eu sou, mas eu sou, mas eu sou"

**Marcia Muniz, Interna da UE-3,
de Vila Maria**

SOU UM BOM SAMBISTA

"Sou um bom sambista
Não desfaço de ninguém
Saio em capa de revista
Saio em jornal também
Se achar que estou errado
Vem tomar satisfação
Dá queixa pro delegado
Me manda pra prisão
Pois eu vou sossegado
Não devo nada pra ninguém
No xadrez sou bem chegado
Porque eu lá já passei
Já dei nó em boemia
Fiz um som para o museu
Nas horas de regalia
Faço um som pros fariseus"

**José B. dos Santos – UT-4,
São Paulo**

RÉPLICA DE VIDA

"O coração de cada homem não passa de
[uma criança que tudo espera do mundo
Um pedaço de pão, uma palavra de
[compreensão, um gesto de ternura
Existe o perdão
Uma criança pobre dorme no coração de
[todo homem
É preciso tirar a máscara e saber estender
[a mão para poder ser levantada
[uma comunidade de amor
Dorme em cada um de nós uma criança
[pobre, indefesa a pedir ajuda
E tudo se faz a partir da humildade
[de todos"]

Elias Alexandre, interno da FEBEM

"Eu vim de uma cidade pequena"
Mas de um grande país
Eu sou do Brasil
Eu sou do Brasil
Lá nos campos têm flores silvestres
E na cidade grande tem o progresso
Mas só que as coisas são tão diferentes
É difícil de sobreviver
É difícil de entender
É difícil de comer
É difícil, é difícil.
Tanta gente como eu
Tanta gente como eu
Tanta gente como eu
Veio atrás da sorte
Esquecendo a morte
Uns constróem um mundo cheio de
[amores
Outros não se encontram na felicidade
E se perdem na maldade
Na maldade"

**Ademir Leôncio, Interno de um
pensionato da FEBEM**

CORAÇÃO PARA AMAR

Acredite firmemente
No seu gênio criador
Na força ativa da mente
Nas maravilhas do amor
Quem recebe de nascença
Uma cabeça pra pensar
Quem recebe de nascença
Um coração para amar
É feliz por toda vida
Tem riqueza garantida
É tudo que desejar

**Manoel J. L. da UE-9,
de Mogi-Mirim**

O SILÊNCIO

"Sabe, em certas ocasiões é bem melhor
[chorar do que sorrir, é melhor
[sofrer do que fingir, sei lá
Em certos momentos da vida, o silêncio
[é uma oração
Porém, no entanto o silêncio é tecido
[pela solidão
Mas na realidade todos lutam e
[procuram
Tentam desvendar o segredo da vida
A fim de quê?
Às vezes me pergunto: em busca da
[felicidade?
No fundo, no fundo, o silêncio também
[é um fluxo da verdade...]

Marcos de Paula – UT-4

Os dois autores destes poemas são considerados delinquentes juvenis.



V.F.M. — 15 anos: era interna da Comunidade Terapêutica de Santo Agostinho, Jaconã, São Paulo e liderou com mais quatro meninas um motim na Comunidade no dia 05.12.77: “A comida vem com cabelos e mosca, só tínhamos direito a 2 horas de sol por dia. Depois do dia 15 ficamos trancados o dia todo nos quartos, saindo só para ir ao banheiro. A vida lá na Comunidade é muito ruim. Quando a gente reclama do tratamento, para nos acalmar, elas aplicam duas injeções, que dão tonteira e paralisam as pernas”.

Waldemir — Febem: Espírito Santo. Waldemir de 9 anos de idade, morava no “Morro do Quadro”, em Vitória e era semi-interno de um Programa da Febem e quase sempre “sumia” do Programa porque sua mãe o mandava, e também a seus outros irmãos, irem trabalhar para ajudar no sustento da casa, já que viviam da pensão do INPS que o pai recebia.

Quando Waldemir voltava ao Programa, gostava sempre de contar por onde andou. Em geral trabalhava na Praça Costa Pereira mas quando chegava navio, principalmente de estrangeiro, ia para o porto engraxar sapato dos marinheiros. E Waldemir, aproveitava a ocasião para treinar seu inglês: “yes”, “how much”, “dollar”. E cobrava por seu trabalho em dólar; o que lhe permitia voltar “tranquilo” por uns tempos às aulas da Febem.

Outros menores não conhecem apenas estas instituições. Acumularam uma experiência de vida em presídios comuns, ou em Delegacias de Polícia.

A.F. — F.M. — M.J. — J.G. E G.R.: PRESIDIÁRIOS

Três meninas presas numa Delegacia de Polícia de Belo Horizonte:

A.F. — “Aqui é assim. De vez em quando batem na gente, com “cocota”, que é uma tira de pneu. E de vez em quando, quando é de noite, um dos “tios”, e às vezes é o mesmo que bateu de dia, tira a gente da cela e leva pra cama”.

F.M. — “A gente dorme com os rapazes na rua, mas não é com qualquer um não. Quem vai com qualquer um é piranha. Eu não; vou casar com “Cabelinho de Fogo” quando ele sair da cadeia”. (“Cabelinho de Fogo” está condenado a mais de cem anos de prisão e é pai de uma filha de F.M. de 3 anos de idade).



Grainja

Alguns desafios

1. 62 milhões de brasileiros — 50% da população têm menos de 18 anos de idade.

2. Em 1976, 41,4 milhões de brasileiros ou seja, 39% da população, eram menores de 14 anos. De 0 a 4 anos — 13.900 milhões; 5 a 9 anos — 13,75 milhões; e de 10 a 14 anos — 13,75 milhões. Deste total 58% viviam nas zonas urbanas.

3. Coeficiente de mortalidade infantil nas principais capitais do país: Para cada 1.000 crianças, morreram: 1968, 80,9; em 1972, 85,8; em 1976, 94,1. Em 1976, em algumas cidades o coeficiente é: Recife, 126,4; Maceió, 146,2; Aracaju, 149,7.

4. 52 crianças, com menos de 1 ano de idade, morrem por hora, atualmente no Brasil, em consequência da subnutrição.

5. Todos os dias no Hospital Municipal de Belo Horizonte entra uma média de 70 a 115 crianças atacadas de broncopneumonia e desidratação. Todas apresentam problemas de desnutrição e doenças parasitárias.

6. Só 20% das crianças brasileiras até 6 anos de idade recebem qualquer assistência em termos de saúde e nutrição.

7. No período de 1968 a 1970 a falta de saneamento básico, foi responsável em São Paulo pela mortalidade infantil: apenas 29,6% das casas de crianças mortas estavam ligadas à rede de esgotos e 51,5% à água encanada. No Rio de Janeiro, 997 mil domicílios localizados nas áreas urbanas, não têm atualmente instalação sanitária; vivendo nestas condições cerca de 2 milhões de crianças.

8. No Brasil há 12 milhões e 681 mil crianças sem escola — 45% das crianças entre 5 a 14 anos.

9. As crianças, com menos de 14 anos, que estudavam no primeiro grau estavam assim distribuídas: 1ª série — 27%; 2ª série — 21%; 3ª série — 17%; 4ª série — 11%; 5ª série — 9%; 6ª série — 7%; 7ª série — 5%; 8ª série — 3%.

10. Em média 100 crianças, de até 3 anos, são abandonadas mensalmente nas ruas, hospitais e delegacias do Rio de Janeiro.

11. No Brasil, num total de 48 milhões e 226 mil com menos de 19 anos, 25 milhões, em 1975 eram consideradas carentes (os pais não ganhavam o suficiente para o sustento dos filhos) e, abandonados (sem pais ou responsáveis). No Norte, 3,83%; no Nordeste, 31,64%; no Sudeste, 42,91%; no Sul, 16,64%; e no Centro-Oeste, 5,08%.



12. No país todo não existem mais de 200 creches para as crianças necessitadas.

13. Dos 800 mil menores abandonados em Minas Gerais, 300 mil só na capital, apenas 3.248 são assistidos pelos 61 estabelecimentos especializados existentes. São Paulo tem atualmente 3 milhões de menores carentes.

14. Em 1977, no Estado do Rio de Janeiro, existiam 1 milhão 893 mil menores abandonados e a Febem (Fundação Estadual de Bem-Estar do Menor) só tinha condições de atender a 16 mil crianças.

15. Na Febem-SP são 45 mil menores assistidos em 1979, direta e indiretamente; 2% de infratores; 10% de abandonados; e 88% de assistidos por motivo de pauperismo extremo.

16. O governo brasileiro gasta somente 38 milhões de dólares por ano com ajuda ao menor e apenas 11,8% de todos os municípios brasileiros recebem ajuda governamental para assistência aos menores necessitados.

17. Em 1969, os "menores delinquentes", em São Paulo, chegavam a 5 mil; em 1971, eles já eram 8 mil. Em 1973, 10 mil; em 1976, 14 mil e em 1979 eles somam 18 mil.

18. Em 1978, eles foram responsáveis na Cidade de São Paulo por 80% dos furtos, 37% dos roubos, 50% das ocorrências envolvendo tóxicos e 17% dos crimes contra a vida.

19. Na região de São Paulo existem, atualmente, 1.200 pequenas quadrilhas de menores organizados. Os menores delinquentes em São Paulo têm em seu poder 10 mil armas mortíferas.

20. Em 1975, 111.812 delitos foram praticados por menores no Brasil.

21. Em 1976, a população infantil economicamente ativa, na faixa de 10 a 14 anos, era de 2.533.112 crianças, mais de 19% das crianças brasileiras desta faixa etária. Das crianças economicamente ativas 55.000 procuravam trabalho.

22. O trabalho do menor de 10 a 14 anos corresponde a 6,5% da força de trabalho no Brasil.

23. 86% das crianças que trabalham não possuem carteira profissional assinada. Na região de Campos-RJ, 3.500 crianças trabalhavam em 1976 sem nenhum contrato e dezenas delas tinham de 6 a 7 anos de idade.

24. 70% das crianças que trabalham têm uma jornada de trabalho de mais de 40 horas semanais. Em 1976, 453.380 crianças trabalhavam mais de 49 horas por semana. No Estado do Rio de Janeiro

82% das crianças economicamente ativas trabalham mais de 49 horas semanais.

25. Em 1975, as crianças de 10 a 14 anos representavam 21,29% da força de trabalho total na agricultura. O crescimento desta força de trabalho no período de 1970 a 1975 foi de: no Norte, 111,8%; no Centro-Oeste, 82,06%; no Sul, 66,88%; e no Nordeste 49,94%.

26. No interior do Paraná uma criança empregada como bôia-fria ganhava em 1978, Cr\$ 17,22 por dia, e representavam 36% da força de trabalho bôia-fria do Estado.

27. No Brasil, 74% do total das crianças economicamente ativas trabalhavam em 1976 na agricultura. Os que não trabalhavam na agricultura dedicavam-se a: prestação de serviços, 281 mil; indústria de transformação, 172 mil; indústria de construção, 34 mil; outras atividades industriais, 5 mil; comércio, 133 mil; outras atividades, 40 mil.

28. 50% dos trabalhadores em fábricas de eletrodomésticos, em média, têm menos de 18 anos e 80% dos trabalhadores na indústria de confecções estão também abaixo de 18 anos e são em sua maioria meninas.

29. 98% das crianças que trabalham recebem menos que dois salários mínimos.



M.J. — “Lá na Furtos, eles batem até em menina grávida. Então não adianta falar que está grávida, porque apanha mesmo. Eu falei que estava grávida. Adiantou? Bem, adiantou um pouquinho. Bateram, mas bateram com jeito, não bateram na barriga”.

J.G. — “Prezado senhor... Pois prezamos sua presença para nós ver. Essa cela é assombrado e muito velha pois morreu um preso de menor também de tanto sofrimento e falta de higiene falta de comida (...). Nos ajuda pelo Deus que está no céu, ajude-me, não há água, não há comida, e em primeira coisa liberdade sou de menor de 17 e estou cumprindo cano de assalto de arma de brinquedo e estou 5 meses abandonado”.

C.R. — 16 anos: “Prezado Senhor, peço solicito de que prezimos de sua ajuda pois nós menores estamos sem bronca alta, as vezes entra de Maior de idade, com roubo e vai embora, pelo amor de Deus, ajude nos a encaminhar a um ambiente melhor (...) essa vida não é prá cachorro. Mas um cachorro vive melhor. Eis com essa cela imunda esgoto intupido, ruim de saúde. Morrendo aos poucos já esqueceram nós aqui (...) estou cumprindo mais do que o tempo a comida é muito ruim muitas vezes se acha pelo; ou mesmo pelotas de salite sem Banho de sol estamos brancos até mesmo um de nós já morreu (...) enforcado pois fizemos para defendemos nossa pele pois era preso também e queria ser o tal aqui dentro. Nós pedimos segurança. Não teve pois fizemos isso. Esse xadrez é abandonado pois nem entra nem sai de um de nós, por favor me ajude à liberdade minha...”

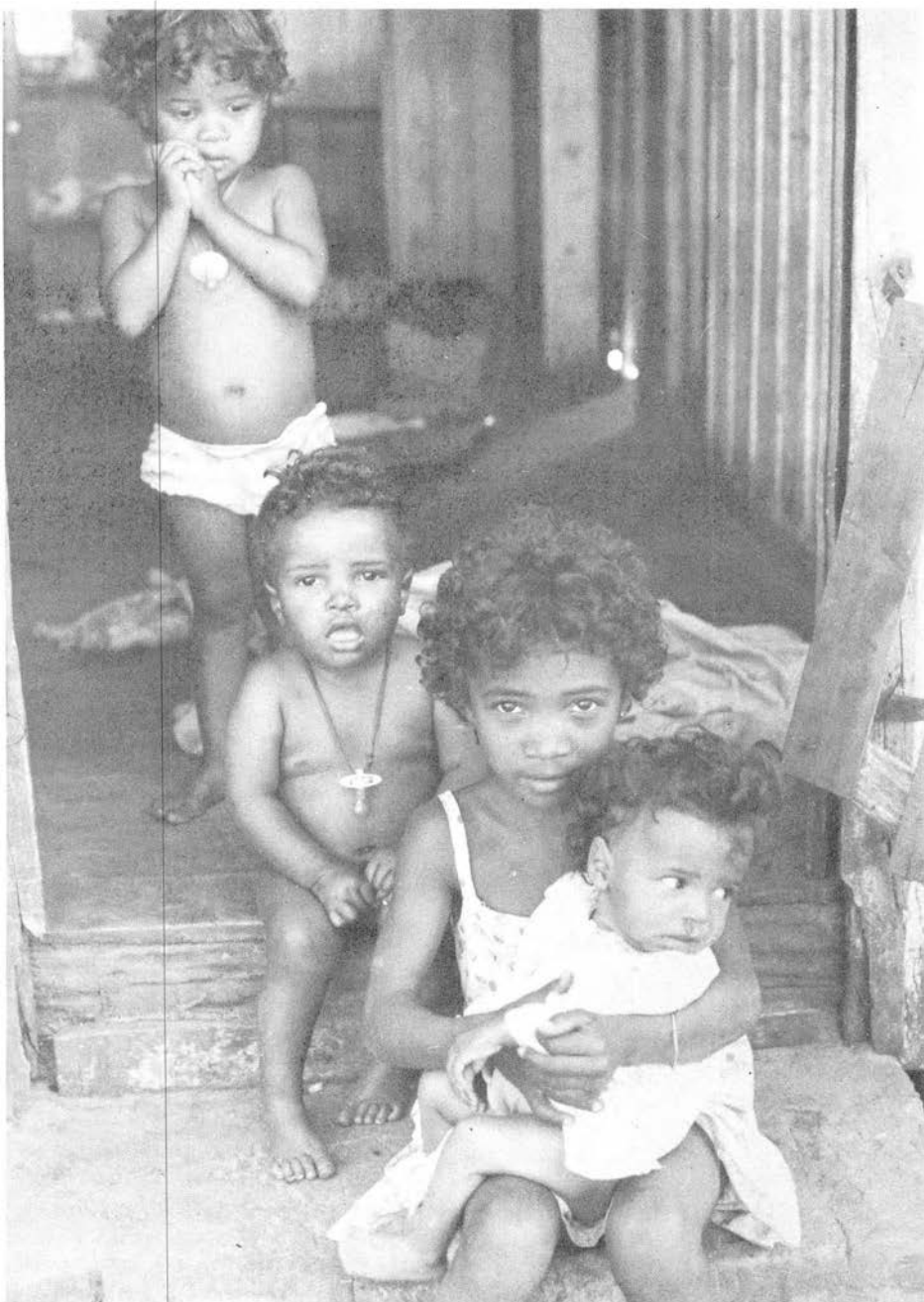
E DAÍ?

Terminou a década de 70, o Ano Internacional da Criança e o da criança brasileira. Continuam as suas histórias mal contadas. Histórias anônimas e medrosas. Histórias de violência e fantasia. E nenhum deles comemorou a festa preparada em seu nome.

Mas lhe resta a Declaração dos Direitos da Criança assinada pelo Brasil há 20 anos atrás. Como outras declarações esta também foi largamente violentada mas não

pelas crianças. Pelos adultos que dirigem seus destinos, pelas nações que lucram com o seu trabalho e por aqueles que colocam nas ruas os contingentes policiais para reprimirem a “violência” dos menores.

Terminou a década e o ano da criança foi para as calendas gregas... E como canta o cantor das crianças brasileiras: “O show já terminou, vamos voltar à realidade”...



Marcelo Gentil



Maria Rita

Meu nome é Agostinho. Fiz trabalho com menores...



Meu nome é Marcelo Duarte de Oliveira, nome civil. Sou nascido no dia 19 de julho de 1931. Entrei para a vida religiosa em 1961. Tomei o nome religioso de Agostinho como monge beneditino do mosteiro de Ribeirão Preto.

Antes disso, em 1959, fiz um trabalho com menores, de rua, sobretudo infratores, em Recife, durante dois anos. Foi minha primeira grande experiência neste campo. Depois eu vivi uma outra experiência muito importante em 1971 e 72 no Recolhimento Provisório de Menores (RPM), em São Paulo, capital. Ainda fiz um outro trabalho, também muito importante, em Ribeirão Preto, numa casa que nós inauguramos, mais ou menos em 73, quando fechamos um posto policial, uma pequena delegacia, que existia apenas para prender menores. A minha especialidade maior são portanto os menores que legalmente, e até poucos dias atrás eram chamados de infratores. Agora, mesmo

que a palavra seja inadequada, vamos chamá-los de menores delinquentes, já que realmente são menores que cometem delitos, infrações, e com isso são e devem ser encaminhados, de acordo com as leis vigentes no país, ao juizado de menores. Os juízes de menores por sua vez, devem encaminhá-los, ou deveriam — porque nem sempre o fazem — às instituições, sobretudo do governo, que estão ligadas ou à FUNABEM diretamente, ou às FEBEMs estaduais, como é o caso aqui do Estado de São Paulo. Com relação às instituições particulares, o trabalho é muito variado, diversificado.

Assim vou dar uma idéia, sobre o assunto do menor, dizer o que eu penso, sobretudo quando o menino... digo menino porque eu trabalho mais com menores do sexo masculino mesmo, e diga-se de passagem que sobre as meninas se está diante de uma área tremendamente muito carente, e que poucas pessoas enfrentam,

porque teriam que defrontar-se com o problema da prostituição, e são poucos os preparados para isso.

... QUANDO CHEGAM A DELINQUENTES ...

Com relação aos meninos, portanto, quando chegam a ser delinquentes, já estão num caminho que prática, ou quase fatalmente os torna candidatos à cadeia de adulto, logo que atingem a maioridade.

Os meninos chegam à delinquência em primeiro lugar porque vivemos numa sociedade onde a violência é institucionalizada. A opressão do sistema se exerce de forma mais direta e até física, pelos órgãos de repressão. O instrumento de repressão, o aparelho de controle social mais eficaz, é a polícia, logicamente.

Quando os menores cometem algum tipo de delito, a polícia é encarregada de reprimir e o que impera é mesmo a punição, o castigo, a vingança, não só pelos órgãos de segurança, mas pela polícia como instituição. A própria legislação também funciona assim. O antigo código dos menores que até poucos dias atrás estava em vigor, já previa por exemplo, cela especial para menores. Menores que se chamavam "apreendidos". Acontece que nunca existiu cela especial para menores. As celas dos menores são nos distritos policiais, nas delegacias de polícia, ou em qualquer cadeia onde se reserva uma cela para colocar os meninos. Isso quando não os colocam mesmo misturados com adultos. Mas de especial as celas não têm nada. São celas comuns, iguais às outras, onde se dorme no chão, na maior sujeira, na maior promiscuidade, num clima de agressividade terrível entre os presos e na maior ociosidade. São os três grandes defeitos do sistema carcerário que não funciona. Esses meninos chegam à delinquência no meu entender, porque são vítimas até antes de nascer, porque são rejeitados por muitas mães pobres, que vivem na miséria. Rejeitam seus filhos e pensam em praticar aborto, ou praticam mesmo, recusando-se a ter os seus filhos. Parte do problema é serem crianças que não são desejadas. Quando não é abortada, por aborto provocado, muitas vezes já não é bem-vinda, quando nasce. Sabe-se também que as crianças desnutridas ou subnutridas têm deficiências sérias quanto à alimentação que é uma necessidade básica e fundamental para a criança. Nestes casos, não têm o desenvolvimento cerebral como deveriam ter. Essa é também uma das causas da marginalidade e da marginalidade criminal.

É PRECISO COMPREENDER QUE ELES SÃO VÍTIMAS DA REJEIÇÃO TOTAL

Muita gente pensa que o problema do menor poderia ser resolvido, tratando-se da desagregação da família, ou da profissionalização para o menor. Tudo isso é bobagem. Ninguém se pergunta porque existe a desagregação familiar. Por que é que a família se desestrutura? Se dispersa? Qual a causa dessa desagregação? Por que é que essas crianças ficam na situação

de miséria? De pauperização crescente? Dizer que quando as crianças crescem, deveriam ser como se costuma dizer reeducadas, por intermédio de um trabalho ou de uma educação profissionalizante é outra bobagem, porque a criança não recebeu outra coisa, outro tipo de educação mais abrangente, mais integral, para se profissionalizar. Não é por aí nesse meio termo; nessa metade do caminho, que se vai lidar com as causas do problema da marginalidade criminal dos menores, ou mesmo dos jovens, já com 17 e 18 anos de idade. É preciso compreender que eles são vítimas, antes de cometer qualquer delito. Enquanto cometem delitos e depois de os cometerem, eles são vítimas.

Antes, como já me referi há o problema das crianças que sofrem mecanismos de rejeição total, na família, no bairro, entre os moleques, entre companheiros, e pela repressão policial. Quando já estão cometendo delitos, são vítimas da polícia porque não estão sendo tratados e sim castigados de forma violentíssima. O castigo, muitas vezes, ou quase sempre, é muito superior ao delito que cometem. Temos exemplos de sobra em se tratando de menores, e até menores com problemas sérios de conduta. Os castigos são muito superiores ao crime ou aos crimes que cometeram. Isto é, o crime que se comete contra eles através da repressão organizada e oficial é maior do que o crime que cometem contra a sociedade. Posteriormente também são vítimas, porque em vez de começarem a ser tratados, ou começarem a ser educados de alguma forma, eles continuam sendo rejeitados sempre. Tornam-se então candidatos ao sistema carcerário ou ao sistema penitenciário. E nada disso funciona, porque eles vão para a cadeia e o mesmo círculo vicioso se perpetua. Ficam presos à espiral ascendente, ao círculo da violência. É muito difícil escapar disso. Tornam-se assim violentos por causa de uma sociedade que os rejeita, e sofre violência por uma sociedade que os pune. As suas famílias nunca tiveram o mínimo necessário para viver.

NÃO QUEREM FICAR NA FAVELA, MAS QUEREM A LIBERDADE

Os menores não querem aceitar ficar a maior parte do tempo na favela ou debaixo de uma ponte. Precisam crescer, ser

educados para a liberdade. É um direito que eles têm, a liberdade. É um dom que receberam de Deus e que portanto temos que respeitar. A dignidade humana não é favor nenhum. Não é com prisão que se vai cuidar do menor e não é com profissionalização também e nem é só falando da família dele. Eles são fruto de uma sociedade totalmente doente. É o círculo vicioso da violência e não vamos resolver nada. São vítimas também da sociedade de classes que é o mundo dos sabidos... que não têm direito de olhar para o menor como propriedade privada. A gente precisa denunciar e rejeitar também o assistencialismo, o paternalismo e até o sentimentalismo de alguns setores de igreja e de outras instituições particulares. O menor não é objeto de assistência, não é objeto de tratamento. Ele também deveria ser levado em conta como uma pessoa consciente, capaz de participar do seu próprio processo de crescimento. Os educadores deveriam lembrar que o menor não pode só ouvir e obedecer, só ter regras impostas pelos adultos. O que acontece na relação pessoal do menor com os adultos? O menor não confia nos adultos, como regra geral. E tem motivos seríssimos para não confiar.

O MENOR SE DEPARA COM A VIOLÊNCIA INSTITUCIONALIZADA

O menor e o adulto geralmente muito mais do que o menor, não se depara só com a violência institucional, mas também com a mentira institucionalizada.

A sociedade em que vivemos é uma sociedade mentirosa. Começa-se dizendo que todo mundo é igual perante a lei...

Os menores, mesmo aqueles que têm alguma deficiência cerebral sabem que os adultos mentem mesmo, não estão a fim de fazer o que se propõem fazer, e, sobretudo, os organismos oficiais. É necessário portanto enfrentar todas as causas do problema que já conhecemos sobejamente. Enfrentando as causas sócio-políticas e econômicas, a gente precisaria mudar todo esse sistema, o sistema de educação, o sistema de tratamento, inclusive da saúde física e mental dos menores o qual precisa ser reformulado. Devemos concordar com a própria Igreja, que apregoa hoje em dia uma sociedade mais justa. Uma sociedade que pense e se ocupe muito mais da justiça do que de ações carita-

tivas. Esse é o ponto de partida. Não é porque se tenha ou se pense ter compreensão das causas que levam à marginalização do menor e à marginalidade criminal do menor, que estamos dispensados de atacar o problema diretamente. É preciso nos aproximarmos deles, procurar compreendê-los e aceitá-los e ajudá-los, para que se libertem desse círculo de violência, de mentira e da sociedade de consumo demonstrando antivalores. Que projeto de vida o menor pode ter se está sempre sendo estimulado pela propaganda para aquilo que os europeus chamam de 3 S... sangue, sexo e "sport"... o que podemos esperar deles se nós mesmos os estamos induzindo ao sangue, ao sexo e ao "sport". Distrai-se a atenção do jovem e depois se exige que corresponda a um comportamento estereotipado, dentro dos padrões de uma burguesia, que quer impor esses padrões a menores que vêm de camadas totalmente pauperizadas e marginalizadas.

ELES TÊM TAMBÉM QUE NOS ENSINAR

Não vejo como atacar o problema de cima para baixo. Vejo como necessária uma tomada de consciência por parte de pessoas, de toda essa camada social pobre, a qual tem de saber que está sendo oprimida e precisa começar a luta para se libertar de toda uma vida de escravidão. Menores, adultos e todos aqueles que já identificam essa situação. Então não se trata só de ficar pregando uma sociedade de partilha. Está na hora de começar a pensar como agir concretamente com relação a esse tipo de sociedade. A própria Igreja precisa começar agora a fazer os tais projetos chamados alternativos, porque os que estão aí não estão atendendo realmente aquilo que a gente gostaria que fosse. Tudo, é muito difícil realmente, mas nós não somos chamados para enfrentar problemas fáceis. O que fazer? Arregaçar as mangas, e começar a trabalhar com os menores, não só de cima para baixo, mas a seguir os passos necessários. Uma tomada de consciência, um compromisso de luta e de trabalho concreto com eles, não somente dizendo o que têm de fazer, mas ouvindo aquilo que têm a dizer. Eles têm também o que nos ensinar. Devemos denunciar as situações de miséria, de injustiça e de opressão, que não

são só a opressão da violência ou a opressão da mentira, mas a opressão do dinheiro, da sociedade de consumo, dentro do sistema vigente.

Temos que denunciar todas essas mazelas, desde as mazelas particulares que são, por exemplo, as celas, até a omissão, omissão consciente das autoridades. Não são só as autoridades policiais que prendem, são também as autoridades judiciais, os juizes de menores também que deixam prender e deixam os menores ficarem mofando nessas celas. Muitas vezes não fiscalizam nada, não fazem correções, se omitem gravemente, burlam a lei e não fazem nada.

Além da denúncia é necessário que a gente consiga humanizar um pouco certas instituições até o ponto de acabar com elas se for necessário. Porque são desumanas, anti-humanas, sub-humanas, e conspiram contra a humanidade das pessoas, sejam menores ou não. É necessário então começar a projetar formas novas de trabalho.

HÁ MENINOS DE 12 ANOS QUE JÁ APRENDERAM A ASSALTAR

A legislação que estava vigorando até poucos dias atrás considerava o menor infrator dentro da faixa etária de 14 aos 17 anos. Portanto, com menos de 14 anos a lei não previa que o menor viria a ser infrator, só excepcionalmente. Na realidade prática, a coisa muda um pouco. Tem muito menino com menos de 14 anos praticando crimes. Há meninos de 12 anos que já aprenderam a assaltar à mão-armada, que não estavam previstos na faixa etária da legislação e não deixam de ser menores delinquentes. E tem jovens por aí de 16 e 17 anos que só porque furtaram um toca-fitas vão para o reformatório, para as instituições oficiais ou não e ficam isolados, presos, quando não presos também em delegacias, misturados com os adultos. Vê-se então que uma coisa é o que diz a lei outra é a realidade prática. Tem muito menino aí com 8 ou 9 anos de idade que já está aprendendo a fumar maconha, passar maconha. Isto é, já está delinquindo, já está metido no tráfico, já está sendo manipulado por adultos. Muitas vezes esses adultos são policiais que detêm o controle do tráfico, de qualquer tipo de tóxico. O crime organizado no Brasil, sempre tem policial no

meio. Não existe Máfia no Brasil em que não haja policial. Esse é um dos aspectos do problema. Por que pretenderam, há alguns dias atrás, diminuir a faixa etária da maioridade, de 18 anos para 16 anos? Foi projeto de um deputado, do Rio de Janeiro e em que pese ser do MDB, ex-policial, ex-delegado de polícia. Salvo engano, trabalhou na 28ª Delegacia, em Brás de Pina. Não me ocorre o nome dele agora, mas todo mundo lá no Rio de Janeiro sabe quem ele é. Isso é fácil de ser levantado. E seria até necessário identificar um pouco se esse delegado de polícia não esteve metido também com os problemas do esquadrão da morte. Porque a gente sabe que na Baixada Fluminense a violência impera com relação a adultos e menores indiscriminadamente e atinge todo esse pessoal. Portanto quem pretendeu diminuir a faixa etária dos menores foi esse delegado, tremendamente comprometido com o sistema de violência que também vigora neste país.

QUALQUER MENOR SOFRE TORTURAS COMO QUALQUER ADULTO

Quanto à prisão dos menores é assim. A violência que sofrem os menores não só na cadeia. Começa antes da cadeia. No ato de ser preso já apanha muito. E se for realmente suspeito de algum roubo, mesmo de um toca-fitas, ou sobretudo de assalto, é espancado barbaramente. Para "dar o serviço" — como se diz na gíria policial, ou na gíria dos criminosos — para confessar seus crimes, qualquer menor e com qualquer idade, sofre torturas como qualquer adulto. Antes de ser preso e durante a prisão. Acontece também de serem levados para lugares ermos, para lugares desertos para serem espancados e torturados, às vezes barbaramente, pelos policiais e mesmo por militares. Aqui em São Paulo por exemplo, há casos de menores que sofrem tortura até na mão da Rota. Isso quando não morrem. A prática mais comum, é matar, é dizer que o menor atirou na polícia. Transportam nas viaturas policiais armas frias, depois matam o sujeito e jogam a arma na mão do cadáver, tendo antes acionado sobre a viatura policial. Afirmam então que aquela arma era da vítima. Esse é o modo pelo qual se institucionaliza a própria morte. Nesse sentido pode-se dizer que a política

Depoimento

oficial é uma política de extermínio, de genocídio. Quando não morrem desse jeito, morrem aos poucos quando são presos. Passam por torturas e depois na cadeia como já é ponto pacífico hoje em dia, entram para a escola do crime. As próprias autoridades confessam isso, de forma até escandalosa. Indo para a cadeia com 18, 19 anos acabam por aprender lá, não apenas a roubar toca-fitas ou automóvel, mas a assaltar e até a matar. Por isso concordo que a cadeia é uma escola de crimes.

HÁ MENORES QUE DESAPARECERAM E FORAM MORTOS

Quanto a casos de morte aqui em São Paulo, já foram feitas algumas denúncias, recentemente e até uma lista foi publicada com nomes de menores que desapareceram, ou que foram mortos, porque houve uma constatação de mortes de vários menores. Mas o Esquadrão da Morte não funciona mais como funcionou no fim da década de 60 e no começo dos anos 70.

Quando se quer fuzilar, a coisa é feita como já disse anteriormente, até mesmo sob responsabilidade da Rota. Na polícia civil, há a chamada "GARRA". São siglas que eles usam aí na polícia militar e na polícia civil. Em São Paulo, por incrível que pareça, depois das denúncias que os próprios jornais formularam, não se tem nenhum resultado dessas sindicâncias. Onde estão esses menores e por que foram mortos, não se sabe. As autoridades afeitas ao problema do menor, as autoridades judiciárias e policiais, não dão satisfação à opinião pública. Outra coisa é o problema do Esquadrão da Morte na Baixada Fluminense, que funciona como funcionava em São Paulo anteriormente. Porque há muitos anos que o Esquadrão da Morte funciona na Baixada Fluminense. Isso é uma mistura de bandido comum com bandido policial. Lá também os menores morrem frequentemente como morrem os adultos fuzilados pelos esquadrões e pela chamada polícia "MINEIRA". Em termos de violência, este é o maior escândalo, no momento, com relação ao povo marginalizado, ao povo pobre, ao povo miserável. Não se trata apenas de um precedente, é uma norma de ação. A política de extermínio, a política de genocídio é feita concretamente,

para mim, por conveniência das autoridades, sobretudo desse governo militar de 64 pra cá, porque os esquadrões da morte continuaram existindo depois de 64 e ainda estão em plena atuação na Baixada Fluminense. Sem falar nos exemplos que eles deram para o Brasil inteiro com essa política de extermínio. Muita gente morreu nas mãos da polícia. Agora, porque os militares de 64 para cá não acabaram com o esquadrão da morte? Por que existe gente da polícia militar e civil e até do Exército metida com o Esquadrão da Morte? por que esta política de extermínio está em vigor?

NÃO VALE A PENA TRABALHAR, PORQUE SE GANHA UMA MISÉRIA

Agora não é só a política de extermínio. Além da política de extermínio existe o problema seríssimo da corrupção. Já fiz referência ao problema do tráfico de drogas mas há também o problema da venda de proteção. A polícia "mineira", que não deixa de ser o Esquadrão da Morte, "protege" os postos de gasolina, bares, supermercados e é uma proteção imposta a troco de dinheiro. Caso os donos das casas comerciais não aceitem pagar, inicia-se uma guerra contra essas pessoas. Mata-se. São mortes pelo crime organizado. Além da política de extermínio existe uma corrupção que não tem tamanho e que talvez seja, atualmente incontável por esse sistema que está vigorando porque tem muita gente do governo envolvida nisso.

O esquadrão da morte extermina adultos, mulheres e menores com a maior frequência. Eles nivelam tudo por baixo, massificam. Muitas vezes os menores não querem trabalhar porque têm uma certa consciência de que no Brasil não vale a pena trabalhar, porque se ganha uma miséria, um salário de fome. Na realidade a grande maioria dos menores não está roubando, assaltando ou matando. A grande maioria está mendigando. São indigentes. Os menores que se rebelam e se insurgem contra este estado de coisas é que partem para a infração e a delinquência. No fundo são contestadores do sistema. É a sua forma de protestar contra o sistema. Não querem ser indigentes. Nesse sentido o crime rende mais. Muitas vezes eles se tornam concorrentes dos ladrões maiores, os chamados "colarinho branco" como se

diz nos meios policiais. Os "tubarões" não vão para a cadeia. Cadeia foi feita para pobre. O próprio Eramos Dias declarou em São Paulo: "Cadeia é feita pra 3P: Pobre, Preto e Puta".

UMA PASTORAL DE MENOR

Quanto ao trabalho pastoral o que se faz é ainda muito isolado. O pessoal que está mais consciente não está fazendo a ligação com os movimentos populares, com o problema da classe operária, o movimento operário, etc., é necessário que o pessoal de Igreja comece a adquirir não apenas uma consciência política mas realize uma política. As pastorais estão muito setoriadas e é necessário que se tenha um conhecimento mais aprofundado senão fica tudo enfraquecido.

São pouquíssimos aqueles que aceitam trabalhar com presos, com menores, com prostitutas. Então ficam trabalhos isolados dentro da Igreja. Em São Paulo, muito recentemente, começou a existir uma pastoral do menor mas que não está ainda articulada com a pastoral da juventude, a pastoral dos Direitos Humanos. É necessário ter uma visão mais global de todo o problema.

O problema do menor não está desligado do todo da problemática que envolve o trabalhador, o operário, os migrantes, a família, a saúde, a escola.

É urgente que os agentes de pastoral comecem a aprofundar no próprio trabalho específico uma pastoral de conjunto que necessariamente conduzirá ao problema político. Precisamos aprofundar mais a relação entre a fé e a política. Ampliando mais a nova visão de política, sem considerá-la somente como política partidária mas como uma ação transformadora da sociedade. É necessário que a Igreja se volte para um trabalho mais eficaz enfrentando as estruturas da sociedade no sentido de mudá-las e de transformá-las e não só reformá-las.

Transformar num sentido mais radical. Os cristãos devem comprometer-se seriamente para não resvalar para o assistencialismo como ainda acontece. Ocorre, em geral, um contentamento, uma satisfação própria e não uma busca de satisfazer homens que estão numa situação de pobreza e de miséria. Hoje, não se fala mais de uma ação caritativa. Fala-se de justiça. E é por isso que devemos lutar.

Aconteceu

“ESQUADRÃO” PARA MENORES

81 menores considerados infratores, egressos da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor, foram assassinados pela polícia de São Paulo, nos últimos anos e todas as mortes continuam sem a menor investigação. Este dado confirma a existência de um verdadeiro “Esquadrão da Morte”, interessado no extermínio de menores infratores.

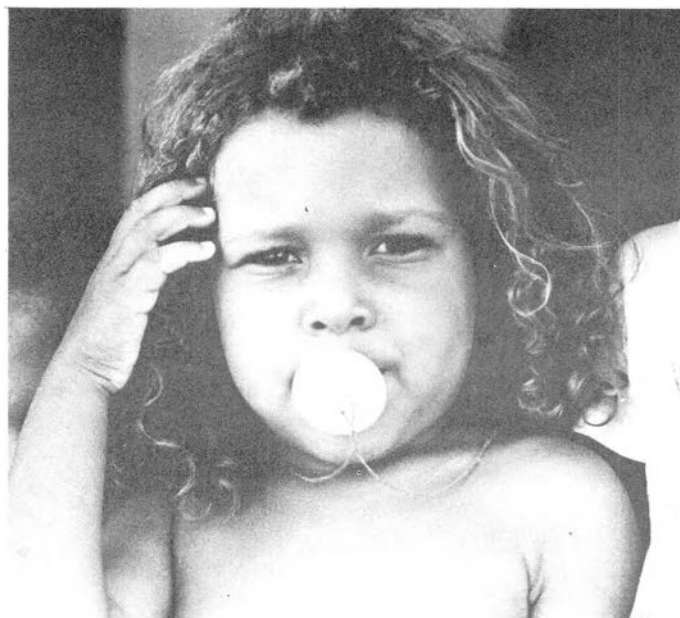
Muitos dos menores assassinados foram sepultados em locais incertos, o que leva a acreditar na denúncia de menores, que afirmam existirem pelo menos dois cemitérios clandestinos de menores em São Paulo: um, nas imediações da Rodovia dos Imigrantes e outro, em Mogi-Mirim, onde existe um reformatório da FEBEM, numa área conhecida como “bosque”.

O assassinato dos menores tem ocorrido, geralmente, quando eles estão em gozo de “liberdade vigiada”.

TRÁFICO DE BEBÊS

No Congresso Nacional de Pais Adotivos, realizado em Caen, Na Normandia, foi denunciado um tráfico de recém-nascidos; um verdadeiro mercado negro de crianças, que está assumindo grandes proporções na França. O Brasil está incluído entre os fornecedores de bebês, juntamente com a Tailândia, Colômbia, Chile e outros.

A denúncia foi feita pelo jornal Paris Soir, mas o envolvimento do Brasil nesse escândalo não constitui novidade, pois já havia sido denunciado, quando da visita de Simone Veil, então ministra da Saúde da França.



Grájin

QUEBRA-QUEBRA

Depois de se amotinarem na hora do jantar e de promoverem um quebra-quebra, 9 menores presos na Delegacia

de Orientação de Belo Horizonte, MG, escalaram os muros que cercam o prédio e conseguiram fugir. Na rebelião estavam envolvidos mais de 50 adolescentes.

CAMPOS DE TORTURA

Quatro homens denunciaram, pela imprensa, a existência de três campos para torturas de menores infratores na Zona Sul de São Paulo.

Os quatro — dois dos quais já completaram 18 anos — confirmaram as acusações pe-

rante o Juiz Corregedor dos presídios, Renato Talli, reiterando que eram presos por patrulhas da Polícia Militar e encaminhados àqueles locais, onde ficavam amarrados ou pendurados em árvores, pelas algemas, durante o espancamento.

MENORES ESCRAVIZADOS

No município de Bocaiúva do Sul, PR, numa área de reflorestamento da Rebrasa S.A., a Delegacia Regional do Trabalho descobriu 16 menores trabalhando em regime de semi-escravidão. A denúncia chegou à DRT porque seis menores, com idade entre 15 e 17 anos, conseguiram fugir à noite da área de reflorestamento e procuraram a Polícia

Rodoviária. Os trabalhadores, segundo seus depoimentos, foram recrutados no Norte do Paraná e na região de Curitiba sob a promessa de receberem Cr\$ 30,00 por dia, livres de qualquer despesa. No local de trabalho, entretanto, eram obrigados a pagar tudo — refeições, agasalhos e esteiras de palha para dormir — e impedidos de deixar a área, por jagunços armados.

POLICIAIS ESPANCAM

Em Recife, cinco menores violentamente espancados por policiais compareceram à delegacia para apresentar queixa contra os maus tratos a que foram submetidos em via pública, nas proximidades de suas casas. Os garotos foram aconselhados pelo Delegado a desistirem da denúncia, dizendo-lhes que era melhor esquecer senão poderiam levar novas surras.

CRIANÇAS REALIZAM PASSEATA

“Estamos morrendo de fome”, “precisamos de mais escolas”, “queremos cuidados médicos adequados”. Conduzindo cartazes com estes dizeres, as crianças nordestinas realizaram no dia 18 de janeiro uma passeata pelas ruas do bairro da Casa Amarela, o mais populoso do Recife, para criticar o Ano Internacional da Criança. Depois do desfile houve um grande comício no Pátio da Feira, para que as crianças fizessem uma avaliação da situação em que vivem nesta parte do país.

A maioria denunciou que no Brasil existem 16 milhões de crianças abandonadas. “Gente sem comida, sem um lar, sem diversão sadia e sem cuidados de espécie alguma”. Foi a primeira vez que as crianças dos bairros mais pobres do Recife levantaram sua voz para falar da gente miúda que perambula pelas ruas das grandes cidades pedindo ou roubando para comer.

Esta promoção foi do Movimento Amigos das Crianças, departamento da arquidiocese de Olinda e Recife.

MENORES PROIBIDOS DE ESTUDAR

Em Duque de Caxias, RJ existem 750 menores trabalhando como trocadores de ônibus e impedidos de se matricular no supletivo em face da deliberação nº 16 da Secretaria Estadual de Educação que não permite ao menor de 15 anos matricular-se.

CÓDIGO DE MENORES

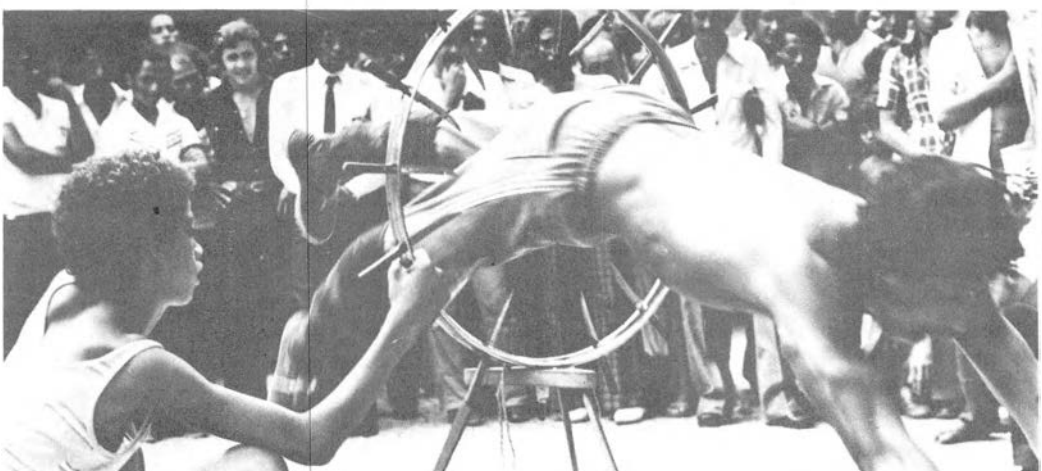
O Presidente da República sancionou no dia 10 de outubro de 1979, Dia da Criança, o novo Código de Menores que sucede à legislação em vigor desde 1926.

O texto, elaborado por juristas brasileiros, que passou pelo Senado sem ter grandes modificações, sofreu alterações na Câmara dos Deputados sob a orientação do Juiz de Menores do Rio de Janeiro, Alírio Cavalieri.

O projeto aprovado dentre outros apresenta os pontos:

- O Código define como estando em *situação irregular* os menores: 1) que estejam privados de condições essenciais à sua subsistência, saúde e instrução obrigatória; 2) que sejam vítimas de maus tratos ou castigos imoderados impostos pelos pais ou responsáveis; 3) estejam em perigo moral devido a encontrarem-se, de modo habitual, em ambiente contrário aos bons costumes; 4) vivam privados de representação ou assistência legal, pela falta eventual dos pais ou responsáveis; 5) com desvio de conduta em virtude de grave inadaptação familiar ou comunitária; 6) autores de infração penal.

- Expressões como abandonado, infrator, delinquente, transviado, etc., foram abandonadas, pelo "aspecto traumático" que isso representa, adotando-se a expres-



são "menor com desvio de conduta".

- Qualquer um dos 1972 juizes de menores poderá mandar quantos menores abandonados entender para o estrangeiro, para serem adotados, e essa adoção poderá ser feita por procuração. O casal não precisará vir ao Brasil.

- Fica eliminada a guarda mediante pagamento que permitia ao juiz a entrega de meninas para prestar serviços domésticos remunerados que — segundo Cavalieri — "em muitos casos chegou a ser uma espécie de escravidão branca".

- O novo código introduziu a proibição da exibição de espetáculos de televisão proibidos para menores de 18 anos em qualquer horário.

- Repele a idéia da redução de idade, para efeitos de responsabilidade penal. E vai mais longe, ao excluir os crimes previstos na Lei de Segurança Nacional e no Código Penal Militar que permitiam a punição do menor de 18 anos. O documento revogou os dispositivos que autorizavam a punição desse menor.

- Autoriza o menor com "desvio de conduta" a permanecer à disposição da polícia, em dependências policiais durante 5 dias.

- Determina ainda a necessidade do treinamento do pessoal incumbido da aplicação

da lei, o que abrange o pessoal das Fundações Estaduais.

O novo Código do Menor entrará em vigor em fevereiro de 1980, mas já provocou várias declarações e reações por parte das pessoas que estão envolvidas direta ou indiretamente com o problema do menor no Brasil.

Algumas dessas reações e opiniões mostram onde se situam alguns dos acertos e falhas:

- "O novo Código de Menores tem falhas que a sociedade brasileira não pode permitir e uma delas é a possibilidade de que os menores possam ficar até cinco dias nas mãos da polícia para averiguações, uma decisão que, além de absurda, é criminosa". (Depoimento de Lia Junqueira, Presidente do Movimento de Defesa do Menor em São Paulo, na Semana da Criança, promovida pela Universidade Metodista de Piracicaba, SP). Nesta mesma ocasião, Lia Junqueira mostrou-se ainda frontalmente contra a norma do Código que permite a adoção de crianças por casais do exterior: "É um absurdo. Agora, o Brasil exporta crianças e passa a si próprio um diploma de burro e de incapacidade em resolver um dos graves problemas sociais que o afligem".

- O 1º Congresso Nacional de Direito do Menor, reali-

zado em Porto Alegre, RS, em novembro, divulgou um manifesto em que salienta a necessidade de modificações no novo Código de Menores, principalmente nos dispositivos que permitem a prisão cautelar e dificultam o acesso dos advogados aos locais onde o menor foi recolhido. O manifesto e as conclusões do encontro foram encaminhadas ao Presidente da República, às lideranças na Câmara dos Deputados e no Senado, e ao Ministério da Justiça. O Congresso decidiu ainda que será formada uma comissão de trabalho para elaborar um projeto de lei que altere o novo Código.

- Para o Presidente da Comissão Justiça e Paz de São Paulo, José Carlos Dias, é altamente positiva a fixação da responsabilidade penal aos 18 anos. Acha, porém, que o novo Código, dá poderes excessivos ao Juiz de Menores, que vai desde a simples advertência até à internação em estabelecimentos psiquiátricos, podendo ainda suspender ou retirar o pátrio poder.

Quanto à adoção, José Carlos, disse que o Código substitui com vantagens a legislação anterior, ao dar ao filho adotivo os mesmos direitos que os legítimos e ainda por fixar, em um ano, o prazo para a consumação do ato adotivo.



Grajina

PESQUISA MOSTRA REALIDADE

Pesquisa realizada em São Paulo, em outubro de 1979, pelo psicólogo Jacob P. Golderg, que entrevistou 2.000 crianças de todas as classes sociais, revelou que: 17% das crianças detestam sua cidade; 18% não tem brinquedos; 20,3% não conversam com o pai; 7,8% não falam com a

mãe; 51,5% não comem carne diariamente; e 35,9% tem medos frequentes.

Dando continuação a pesquisa, entrevistou-se também 2.000 pais e constatou-se que: 16% não moram com os filhos; 54% não dormem bem; 48% tem medo frequentemente; 13,5% tomam uma única refeição por dia; e 54% não come carne todos os dias.

EXPLORAÇÃO DO TRABALHO

O menino Silvio de Brito, patrulheiro-mirim, acidentou-se numa padaria, na Praia Grande, SP, ficando com uma das mãos inutilizada. Ele não recebeu a assistência médica a que tinha direito como trabalhador, por não ter um contrato registrado em carteira. O Ministério do Trabalho começou, então, a apurar as irregularidades que envolvem as Patrulhas-Mirins.

As Patrulhas-Mirins, fundadas em abril de 1970, em São

Carlos, SP, compreendem, atualmente, cerca de trinta entidades de promoção social, espalhadas pelo Brasil, sob a denominação genérica de "círculo de amigos dos menores patrulheiros", que na verdade não passam de locadoras de mão-de-obra infantil.

Os menores, arregimentados em bairros pobres, vêm sendo fornecidos por essas entidades à indústria e ao comércio, sem qualquer vínculo empregatício. Portanto, trabalham sem registro em carteira, sem direito à previdência social ou férias e recebem

PASTORAL EXIGE REFORMA

A Pastoral do Menor, da Arquidiocese de São Paulo, promoveu um encontro que contou com a participação de cem pessoas, entre professores, sociólogos, estudantes e operários, que se reuniram em grupos de trabalho para analisar os seguintes temas: periferia, rua, internato, escola e menor.

Todas as conclusões desses grupos de trabalho estavam voltadas para a crítica "à estrutura social vigente". As discussões dos grupos "periferia" e "ruas" tinham como ponto básico "as influências que o menor recebe em seu meio-ambiente" e concluíram que, para resolver este problema social, é necessária também uma reforma social.

CRIANÇA MORRE NA DELEGACIA

Adalgisa F. Castro, mãe do menor Edmilson Maxiamiano de Castro, o Peia, denunciou à Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Olinda e Recife, a morte do filho numa Delegacia de Polícia, em Recife, em 1977.

O inquérito aberto na época para apurar a morte do menor estava arquivado, mas as declarações de testemunhas do crime talvez façam com que seja concluído. Uma destas testemunhas, Severino J. da Silva, que estava preso na ocasião, viu o menor ser torturado num pau-de-arara e queimado vivo, sendo depois enterrado em local desconhecido. Tal declaração foi confirmada pelo depoimento de dois policiais.

EDUCAÇÃO INSOLÚVEL

Na América Latina, a população infantil em idade escolar, de seis a 12 anos, crescerá de 64 milhões em 1980 para 100 milhões no ano 2.000.

No Brasil, dos três milhões de menores que completarão

30 anos no ano 2.000, apenas 9% terão curso do 1º grau completo. Os dados sobre a participação do MEC - Ministério da Educação e Cultura - no Orçamento da União, mostram a seguinte evolução: 1964, 9,74%; 1970, 7,60%; 1974, 4,95%; 1976, 4,66%; 1978, 5,20%; 1980, 4,28%.

total de Cr\$ 226 milhões, por mês. Em vez disso, a firma entrega 90 mil cruzeiros ao CAMPS. Dos 90 mil cruzeiros, o CAMPS retém 18.750 cruzeiros, sobrando aos menores um salário de 950 cruzeiros.

O presidente da Federação Brasileira de Patrulheirismo, João Pereira dos Santos Neto, admite que há cerca de 100 mil menores patrulheiros, trabalhando sem qualquer garantia. E, que "só o Fórum de Santos emprega 23 menores nessas condições, que são pagos com verba da Justiça".

MENORES SEVICIADOS

A Ordem dos Advogados do Brasil, seção do Paraná denunciou ao Tribunal de Justiça, o Juiz de Direito de Ibaiti, PR, por ter atemorizado e mandado sequestrar menores na delegacia. Cinco menores tiveram suas cabeças raspadas e foram obrigados a andar pelas ruas conduzindo uma placa com a palavra "ladrão". Destes menores, duas meninas, uma de 10 e outra de 12 anos, vendiam sorvetes nas ruas para ajudar no sustento da família. Uma delas, passou por exames ginecológicos, realizados por um policial, sob ordem do juiz Artur Gomes Neto que afirmou: "as meninas passaram pelos vexames, para que deixassem de ser vagabundas".

MORTE MISTERIOSA

Antonio Sérgio Barca, vulgo "Meneguete", de 17 anos, morreu dia 30 de julho de 1979 no Hospital das Clínicas em São Paulo. Ele foi assassinado com três tiros na cabeça. Segundo a polícia, ele foi morto por companheiros de roubos, mas os pais do menor não acreditam nessa versão, já que "Meneguete" estaria sendo perseguido pelos policiais da região onde morava. "Meneguete" era considerado de alta periculosidade e estava indiciado em vários inquéritos, a maioria por assaltos, sendo acusado ainda de homicídio. Era egresso da FEBEM, de onde fora resgatado dia 13 de julho por cinco menores que invadiram a unidade de recolhimento.



Grajna

A FEBEM DE SEMPRE

A professora e ex-funcionária da FEBEM de São Paulo, Angela M. L., depois de trabalhar cinco meses numa de suas unidades, afirma que "uma devassa total na FEBEM e demais entidades encarregadas do menor seria o melhor presente para a criança neste Ano Internacional a ela dedicado". A ex-funcionária faz sérias denúncias:

- O próprio diretor da unidade responde a dois processos administrativos por roubo e desvio de madeira e material.

- As unidades são autênticos cabides de emprego. Naquela em que Angela trabalhava, apenas 2 funcionários foram admitidos por concurso.

- Os desvios de verbas são comuns. Cada menor custa mensalmente Cr\$ 7 mil, mas

"a comida é péssima, o agasalho é insuficiente, higiene não existe".

- Nas unidades femininas, menores saem com a cobertura de funcionários para se prostituírem na cidade, e quando voltam repartem com eles o dinheiro. Até pouco tempo, os inspetores eram homens, e obrigavam as meninas a manterem relações sexuais com eles.

- Maconha, psicotrópicos e até drogas fortes são passadas por pessoas que trabalham na unidade, pagas pela "boca de fumo" do Jardim Arpoador.

Depondo na comissão de inquérito instaurada pela FEBEM, Angela confirmou todas as declarações e estranhou que não lhe tivessem feito perguntas sobre os aspectos mais graves de suas denúncias, como tráfico de drogas e prostituição.

DINHEIRO DE ARMAS ALIMENTARIA CRIANÇAS

Em 1978, 12 milhões de crianças menores de 1 ano, falecidas nos países "em vias de desenvolvimento" por doença, cuja causa principal foi a desnutrição, poderiam ter sido salvas caso fossem desviados, para a complementação alimentar, apenas 5% dos 400 milhões de dólares gastos anualmente na compra de armas. A revelação é do relatório de despesas militares e civis relativas a 1978, divulgado pelo UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância.

O relatório assinala que este ano milhões de crianças nos países em vias de desenvolvimento morrerão ou ficarão aleijadas por culpa de apenas seis doenças que, praticamente, já foram banidas dos outros países graças a ação eficaz dos serviços de imunização. São elas: difteria, coqueluche, tétano, sarampo, poliomielite e tuberculose. O Brasil só conseguiu imunizar 30% dos menores de um ano contra estas enfermidades em 1978. Juan Pablo Terra, consultor do UNICEF, observou

que no quinquênio atual, as estimativas da América Latina são de 1 milhão 222 mil mortes de crianças de zero a 14 anos, taxa 11 vezes maior que a da Suécia.

A UNICEF enumerou ainda fatos acerca do estado da infância nos países atualmente "em desenvolvimento": onde os serviços de saúde atingem apenas uma em cada 20 crianças; dos 100 milhões que nascem a cada ano, 70 milhões não terão auxílio especializado; cerca de 85% nascidas em áreas rurais não têm acesso a um fornecimento adequado de água potável; a severa deficiência de vitamina "A" faz com que mais de 100 mil crianças tomem-se cegas anualmente; 100 milhões dos sete aos dez anos são educacionalmente carentes (não aprendem a ler, escrever ou lidar com números); menos de 1% em idade pré-escolar tem acesso a serviços de creches; as populações faveladas aumentam três a quatro vezes mais rápido do que as populações das outras áreas das cidades, muitas vezes a uma taxa anual de 10 a 15%, constituídas na metade por crianças.

CRIANÇAS SOFREM PERSEGUIÇÃO

Matéria da Folha de São Paulo resume um espantoso relatório da Anistia Internacional, o qual revela que crianças são detidas ou aprisionadas não somente porque compartilham o destino dos pais, mas também em virtude de suas "próprias opiniões", ou daquilo que as autoridades *imaginam* ser suas opiniões.

Um dos exemplos mais recentes de tal fato se deu em El Salvador, quando o Padre Otaviano Ortiz Luna reuniu 40 jovens de 12 a 19 anos para um programa de estudos bíblicos. As forças de segurança invadiram a casa onde estavam reunidos o Padre Otaviano e quatro jovens foram assassinados. Os outros, acusados de "subversivos".

Na África do Sul, segundo declarações do Ministro da Justiça, (21.02.79), 252 jovens de menos de 18 anos de idade, foram presos em 1978, em virtude das leis sobre o terrorismo e a segurança interna. A lei sobre terrorismo não obriga as autoridades sul-africanas a dar aos pais informações sobre seus filhos presos, incomunicáveis.

A reportagem fala ainda da situação no Chile e em outros países africanos. E o relatório da Anistia Internacional, diz que os casos apresentados representam apenas uma parcela do que é conhecido por essa organização. Denuncia ainda, casos de mulheres grávidas que tiveram de dar a luz na prisão em condições espantosas. Frequentemente, as crianças nascidas nessas condições são levadas e desaparecem sem deixar vestígio.

Outras denúncias de desaparecimentos de crianças já haviam sido divulgadas. Em fins de julho de 1979, D. Paulo Evaristo Arns, convocou a imprensa para relatar o desfecho do caso de dois irmãos uruguaios, Anatole e Lucia



Grajna

Eva, que foram sequestrados com seus pais na Argentina, em 1976, e reencontrados no Chile, em 1979, por sua avó. O fato foi apresentado como uma vitória dos exilados políticos latino-americanos e das organizações em defesa dos Direitos Humanos, especialmente da Comissão de Direitos Humanos da Arquidiocese de São Paulo, que havia orientado as buscas.

Foi a primeira vez em que foram localizadas algumas, entre as muitas crianças desaparecidas na surda guerra travada pelos órgãos de repressão no Cone Sul do Continente. Quando Anatole desapareceu tinha mais ou menos 4 anos de idade e Lúcia Eva 1 ano e meio. Fotos de outras crianças desaparecidas na mesma época, foram publicadas por jornais do mundo inteiro. Como a de Simón Mendes Riquelme, sequestrado quando tinha apenas 20 dias; Mariana Zaffaroni, sequestrada com 1 ano e meio e a de Amaral Garcia, com 3 anos, em 1976.

AINDA FEBEM

Em quatro anos da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor em São Paulo, mais de três bilhões de cruzeiros foram gastos em tentativas de recuperar socialmente 205 mil menores carentes e infratores que passaram pelas 30 unidades diretamente ligadas à Fundação e pelas 550 unidades conveniadas em todo o Estado. De todo este contingente de menores desprezados e humilhados socialmente, não há números exatos que possam comprovar índices de recuperação social. Praticamente 60% dos menores considerados infratores em São Paulo já passaram pelas unidades da FEBEM.

O tratamento de recuperação dado por estas unidades tem sido constantemente criticado, em decorrência de seus métodos agressivos. Alguns mostram melhor como tem sido, às vezes, este tratamento:

1) O pau de arara em que o menor é amarrado e espan-

cado com as mãos presas; 2) ajoelhar em grãos de milho e ficar nesta posição durante bom tempo; 3) agressões com rodos em chuveiros; 4) os castigos em cubículos individuais, onde a ventilação é péssima e o desespero do menor fatalmente o leva a tentar o suicídio; 5) os espetos de varas finas, que servem para espiçar o menor em várias partes do corpo, principalmente nos órgãos sexuais; 6) os choques, em certas unidades conveniadas; 7) as drogas, para acalmar os mais violentos e que paralisam as pernas, evitando mobilização; 8) a tática de acordar o menor de madrugada, levá-lo para uma sala isolada e aplicar-lhe surras de "aprendizado especial"; 9) isolamento em "cafua", espécie de cadeia medieval e que, em algumas unidades, sempre existiram em locais subterrâneos; 10) a tática dos "telefones", que consiste em dar tapas com as duas mãos sobre os ouvidos e que invariavelmente leva a problemas de surdez para o resto da vida; 11) a tática do afogamento parcial para intimidar; 12) os estupro, com aquiescência de funcionários; 13) a tática de vendar os olhos e espancar; 14) agredir um menor e depois isolá-lo em celas onde estrategicamente vidros são colocados para que ele entre o suicídio; 15) o uso de menores para tráfico de entorpecentes, para assaltos e com resultados repartidos.

Tal quadro de atrocidades é responsável direto pelas sucessivas revoltas e tentativas de suicídio de menores dentro das unidades da FEBEM-SP. Só em 1978 aconteceram mais de 50 tentativas de suicídio. E o que é igualmente ruim: a esta falta total de respeito aos Direitos Humanos alia-se o desprezo total pela criatividade que o menor, por mais revoltado que seja, possa ter.

Falaram...

- Dentro de três anos São Paulo estará com o problema do menor inteiramente equacionado.

(Mario Altenfelder, quando Secretário da Promoção Social de São Paulo, na CPI do Menor em 1975)

- O problema do menor não é outro senão o problema do maior. O que temos é apenas o resultado da marginalização social de vastas camadas de nossa população; essas camadas, com baixa renda, reduzida participação no mercado produtor e consumidor de bens materiais e culturais, desprovidos de serviços de habitação, saúde, educação, lazer e trabalho, estão distantes do universo econômico.

(Mario Altenfelder, em maio de 1979)

- O problema do menor abandonado não surge por geração espontânea. É fruto de fatores sociais, econômicos e morais, de desajustes dos lares, dos sub-empregos, da sub-alimentação, da falta de consciência da função primordial da família.

(D. Avelar Brandão)

- O realce que se deu ao Ano Internacional da Criança nos leva a crer que basta cuidar dela. No entanto, se não cuidarmos do mundo todo, não teremos condições de cuidar da criança.

(D. Paulo Evaristo Arns)

- Se querem ajudar o menor abandonado, basta melhorar a renda dos seus pais, para que eles próprios possam educar os filhos cindignamente. Resolver o problema do menor abandonado, sem mexer na estrutura de distribuição de renda que conduz a uma crescente concentração da renda — alijando da sociedade de consumo 50 milhões de brasileiros — é querer enganar ou a si mesmo ou aos outros.

(Técnicos do IPEA)

- A nossa estrutura social e econômica é a causa do problema do menor. Tal verdade nos leva à necessidade de uma tomada de consciência e de um posicionamento político no plano global e especificamente no plano do menor.

(Margarida Genevois, da Comissão Justiça e Paz de São Paulo)



São Paulo,

Caros Amigos,

Em primeiro lugar gostaria de cumprimentá-los pela nova forma do jornal "Tempo e Presença". É um jornal que tanto no aspecto gráfico como no conteúdo só dá prazer e alegria aos seus assinantes. É recompensante ser assinante desse jornal.

Allegro-me ainda pelo fato de no primeiro número dessa nova fase terem escolhido um artigo que escrevi sobre a anistia. Fiquei muito satisfeito em poder participar do grande debate que envolveu todas as forças de nossa nação. Os resultados estão parcialmente aí. Não é a anistia que queremos: ampla, total e irrestrita. Mas foi a única que até agora pudemos conquistar. Só não podemos aceitar que essa "anistia" tenha sido formulada para perdoar aos torturadores. O crime das torturas a presos políticos e a meros suspeitos, que por mais de 15 anos envergonhou os brios de nos-

so país civilizado, é um crime que não poderia ser apagado com uma anistia. Nós, vítimas da repressão, esperamos que algum dia haja justiça.

Em segundo lugar comunico o meu novo endereço para entrega de correspondência: Rua Cojuba, 42 — CEP 04533 — São Paulo, SP. Em Cristo, Cordialmente,

Rev. Leonildo Silveira Campos
Igreja Presb. Independente do Brasil — Mauá — SP.

Ipojuca,

Prezados Senhores,

Inicialmente desejo comunicar-lhes que estamos recebendo com muita alegria TEMPO E PRESENÇA: tanto é assim que, embora só tenhamos recebido até agora os dois primeiros números, já é tamanho o interesse da turma aqui, que frequentemente se ouve perguntar se já chegou o outro número; ou então, se disputa a vez para ler a revista.

De fato, tanto o CEI era um bom boletim, como o atual TEMPO E PRESENÇA está simplesmente sensacional. Eu não estou querendo "jogar confete" em vocês, não! É que com o novo formato ficou mais fácil a leitura; e os estudos e documentos, além do noticiário, são de uma seriedade e dedicação louváveis. Destaco ainda a simplicidade na apre-

sentação dos temas, que se tornam acessíveis mesmo a pessoas de um nível médio de instrução!

Gostaria de adquirir aquele suplemento, ESTUDOS BÍBLICOS DE UM LAVRADOR, que veio junto com o nº 153. É possível? Gostaria de ter uns cinco exemplares...

Faço votos que o trabalho de vocês possa continuar, para o serviço da boa informação e da construção do Reino.

Paz e Bem!

Padre Ademir

Lisboa,

Amigos,

Nós estamos escrevendo para vós, porque nos foi dada indicação de que o material que vocês estavam publicando é de primeira. Quem nos indicou vossa direção foi o Secretário Latino-Americano MIEC-JECI. Eu próprio fui Secretário-Geral da Jeci no período de 74 a 78. Agora estamos entrando em contato convosco, pois estaríamos interessados em receber vossa revista e demais publicações anexas.

Nós somos um grupo de cinco pessoas que estamos tentando desenvolver aqui em Portugal uma certa consciência sobre os problemas do "terceiro mundo" e uma abertura à solidariedade internacional, como formas de respostas

aos problemas que nos atingem a todos e que em nenhum espaço geográfico isolado se podem resolver.

Somos, portanto um grupo reduzido, cuja vantagem é conhecer uma rede vasta de contatos seja em Portugal — todos nós ligados à A.C. — seja no estrangeiro. Desta forma nosso interesse é fazer o contato entre estas duas redes. Isto a dois níveis: 1) através de visitas de pessoas aos grupos de ação neste País; 2) através da informação e documentação que possamos oferecer a quem a procure.

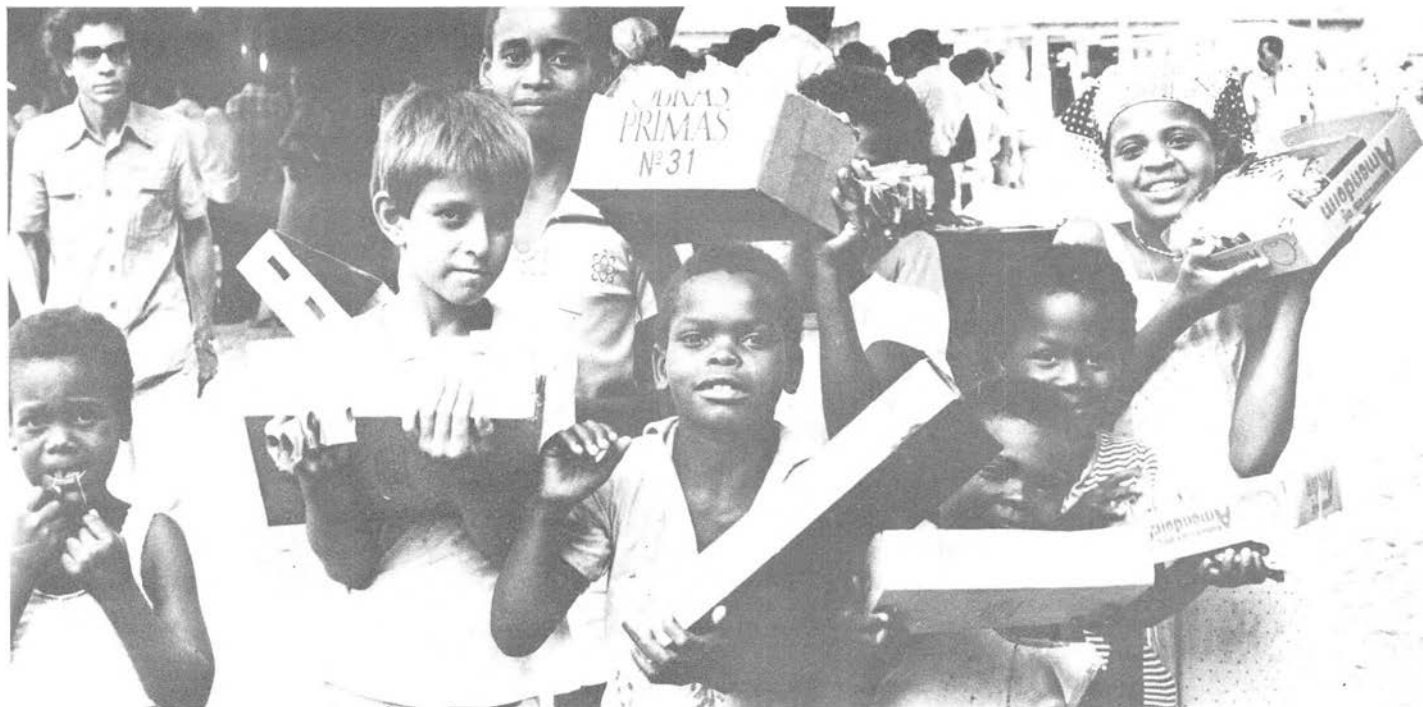
Neste último capítulo temos um centro, ainda sem nome, onde estamos organizando a informação que recebemos e onde outras pessoas a podem também consultar. Era neste sentido que pedíamos a vossa colaboração. De momento não dispomos de verba praticamente nenhuma e não queríamos mais uma vez solicitar os amigos do estrangeiro para nos ajudarem, neste ponto.

Assim, esperamos notícias vossas e eventuais condições de assinatura, caso lhes seja de todo impossível oferecer-nos a vossa publicação.

Obrigado pela vossa atenção,

Jorge Wemans
Igreja de S. Nicolau
Rua dos Douradores N 57 — 1200
Lisboa — Portugal

Vale a pena ler:



Grajna

REALIDADE DA JUVENTUDE TRABALHADORA

JOC: Janeiro de 1979

A JOC – Juventude Operária Católica – publicou um documento sobre a realidade da juventude trabalhadora, apresentando essa realidade em dez tópicos que abrangem desde questões relativas à vida afetiva do jovem brasileiro, até a sua percepção sobre a reali-

dade política do país. O documento não só apresenta dados quantitativos como é enriquecido com exemplos do dia-a-dia por declarações de jovens trabalhadores.

No item “Aprofundamento frente a esta realidade da Juventude Trabalhadora”, duas questões importantes são levantadas: 1) Como a Juventude Trabalha-

dora reage frente a esta realidade; 2) Propostas que percebemos nas reações da Juventude Trabalhadora.

Anexo a este documento de 27 páginas, se encontram mais dois estudos: Menores Trabalhadores e Trabalho da Mulher.

A SITUAÇÃO DA CRIANÇA NO BRASIL

Centro de Defesa da Qualidade da Vida
Livreria Muro Editora –
Rio de Janeiro – 1979 –
54 páginas

O Centro de Defesa da Qualidade da Vida acreditando que não há outra forma de comemorar o Ano Internacional da Criança a não ser através da denúncia e da luta contra a terrível situação de miséria a que estão submetidos milhões de crianças brasileiras, elaborou, através de suas comissões permanentes, o documento

“A Situação da Criança no Brasil”.

Este dossiê está dividido em três partes: Na primeira, denuncia a situação em que vivem a maioria das crianças brasileiras, levantando informações e dados referentes a: alimentação, habitação, saúde, educação, trabalho, do menor abandonado. Na segunda parte apresenta as causas básicas da situação de miséria das crianças bra-

sileiras. E, por fim, as conclusões do dossiê, que se baseiam na segunda parte do trabalho e que giram em torno de uma conclusão básica: “Não será possível solucionar os problemas da criança no Brasil, sem se solucionarem primeiro os problemas mais gerais do povo e do país”.

INFÂNCIA DOS MORTOS

José Louzeiro
Record
228 pp. – 140,00

José Louzeiro, escritor brasileiro que tão bem abordou os casos Lúcio Flávio e Aracelli, aparece neste livro “A INFÂNCIA DOS MORTOS”, retratando o episódio de Camanduacaia, quando 91 menores, em 1974, foram abandonados nus na cidade mineira de Camanduacaia por policiais do Deic de São Paulo.

As crianças foram recolhidas e socorridas pelas prostitutas da cidade.

Livro cravado de emoções fortes em torno do menino Dito e seus companheiros, Louzeiro mostra bem como uma sociedade injusta e assentada sobre valores espúrios transforma crianças em marginais que roubam e matam para sobreviver.

Mostra ainda a insensibilidade e violência com que o aparato policial e os órgãos oficiais responsáveis pelos menores abandonados cuidam do problema sendo esses, na maioria dos casos, os responsáveis para que exista a infância dos que não vivem: a infância dos mortos.

Graças...porque revelaste estas coisas aos pequeninos

(Estudo Bíblico realizado na Escola Dominical de uma comunidade presbiteriana na periferia do Rio de Janeiro)



Então lhe trouxeram algumas crianças para que as tocassem, mas os discípulos os repreendiam.

Jesus, porém vendo isto, indignou-se e disse-lhes: Deixai vir a mim os pequeninos, não os embaraceis, porque dos tais é o reino de Deus.

Em verdade vos digo: Quem não receber o reino de Deus como uma criança, de maneira nenhuma entrará nele.

Então, tomando-as nos braços e impondo-lhes as mãos, as abençoava. Marcos 10,13-16 (Luc. 18,15-17 e Mateus 19,13-15)

Pastor: Como estamos nas proximidades do Natal e acolhendo sugestões de algumas irmãs, vamos dedicar nosso estudo bíblico, hoje, àquela passagem que fala do encontro de Jesus com as crianças. Vamos ler os seguintes textos: Marcos 10:13-16, Lucas 18:15-17 e Mateus 18:13-15. Convido três voluntários a fazerem estas leituras.

(Um jovem, uma senhora e uma jovem lêem os textos)

Pastor: Vamos agora trocar algumas opiniões que esses textos fazem nascer em nós, tendo em vista o agudo problema que todos vivemos em nossa sociedade e em nossa igreja, com respeito ao lugar que as crianças nela ocupam e as atitudes que têm sido tomadas pelas autoridades, pelos dirigentes eclesiais e por nós mesmos, pais, com relação a elas. Para Jesus, as crianças foram muito importantes, ocuparam um lugar de destaque, ao ponto dos escritores do Novo Testamento terem registrado isso. Vamos, pois, tentar juntar a experiência de Jesus e dos discípulos com a de nossa vida.

Sr. José: Pastor, qual será o motivo dos apóstolos tentarem impedir as crianças de chegarem a Jesus? Será por causa da *azoada* que a criançada sempre faz? Ou o que nós devemos pensar sobre isso?

Pastor: O que você acha?

Sr. José: Eu acho o seguinte: Foi porque as crianças em geral perturbam muito. Então, para que Ele não fosse perturbado numa hora solene, que os apóstolos consideravam mais solene, uma hora em que Jesus estava orando, portanto muito importante, eles procuraram tirar as crianças e, então, Jesus Cristo não aceitou. Em entendo que se, por um acaso, nós temos nossas crianças e elas, muitas vezes, não se acietam nos lugares e vivem agitadas de um lado para outro e nós não procuramos educar *elas*, quem é que vai educar? Nós temos que se preocupar com os nossos filhos e fazer com que eles vivam junto da gente, não só como crianças, mas como gente que eles são. Eu creio que, se o Governo se preocupasse em educar as crianças que aí vivem abandonadas, aí teriam uma solução melhor para suas vidas do que as que nós vemos aqui, onde a gente mora, como em todo o Rio de Janeiro. Mas não só no Rio, como no Brasil inteiro. Crianças abandonadas porque as pessoas querem se ver livres das crianças e nós vemos que muitas dessas pessoas gostam das crianças, mas não têm trabalho para poder criá-las. Outra coisa, é necessário a gente suportar as crianças, suas agressões, porque elas

tão se desenvolvendo em sua mente. Por isso eu acho que o governo devia compreender e não por crianças em orfanato e asilo para serem espancadas. Ora, assim, em lugar das crianças formarem uma idéia boa da sociedade, elas pioram a idéia ruim que já têm. Esse é o meu pensamento. Os apóstolos queriam que as crianças não incomodassem o trabalho que eles estavam fazendo. Então, Jesus disse: não, deixa elas aqui. Vamos procurar colocar elas como elas devem ficar, não rejeitá-las, porque dos tais é o Reino dos Céus.

Sr. Sebastião: Eu, na minha ignorância, acho que tem duas coisas nessa passagem que é muito importante. A Bíblia, aqui, tá falando das crianças e dos pequeninos, porque as crianças, como nós, os pequeninos que estamos no meio da sociedade, às vezes incomodamos, com a nossa presença, os maiores que estão por cima de nós. Esses maiores, que são os ricos, os doutores, implicam mesmo com os pequeninos, os pobres. E Jesus, de acordo com o texto, fala das crianças e dos pequeninos e diz que o Reino de Deus é deles. E ele fala assim: "Deixai vir a mim os pequeninos porque dos tais é o Reino dos Céus". E o nascimento dele é o começo do Reino para os pequeninos. Jesus podia ter nascido num lugar, numa mansão muito *relucitante*. No entanto, tão humilde, que até o povo mesmo se *admiraram*, até mesmo o rei. E quando os profetas chegaram à estalagem, perguntaram: onde está o recém-nascido que nós vimos as suas estrelas e viemos adorar? Então, eles todos se perturbaram, especialmente os maiores, e chamaram os seus profetas para estudar e discutir, pra saber onde estava o menino. E encostaram os magos do lugar. Meus irmãos, já pensou por quê eles encostaram os magos e foram interrogar os seus profetas? Porque aqueles magos estavam no rumo certo; eles, que usam chapéu de cartola, eram homens de sabedoria, de fé no povo, e eram humildes. Mas os profetas dos maiores não sabiam nada. Então, como não puderam dar com nenhuma solução, eles chamaram os magos e disseram pra eles que, quando voltassem, depois de achar o menino, deveriam dizer pra eles, pois eles também queriam ir adorá-lo. Mas os magos voltaram por outro caminho, pois sabiam que não podiam confiar neles, que eles eram exploradores do povo. Mas os magos, ao encontrar o menino, viram a pobreza dele como sinal de alguma coisa grande, importante. Ele era pequenino como os pequeninos da sociedade. Nos nossos dias, *acontece* coisas assim, também. Os pequeninos, às

vezes, podem revelar grandes verdades, fazer coisas grandes, no meio da nossa sociedade, mas eles são desprezados e, quando aceitam as idéias deles, ficam com as idéias, mas encostam eles pro lado.

Sr. Antonio: Eu acho que as palavras pequenino e criança, no sentido que está falando aqui, na leitura do texto, é uma coisa só. Na expressão do que falou Jesus Cristo, eu creio que é uma coisa só. Isto é, os pequeninos são as crianças, no pensamento de Jesus.

Sr. Sebastião: Não, aqui tem duas fases. A leitura tá falando nas crianças e nos pequeninos. Vamos pensar, meus irmãos, mais adiante um *mucadinho*. Nós não temos a história daquele Santo *Dumão*, que descobriu o aeroplano, não é? E ele pediu recurso aqui no Brasil e não recebeu. Então, ele teve que sair lá pra fora para poder realizar o sonho dele. Então, é a mesma coisa daquilo que Jesus disse que os profeta não faz milagre na sua terra. E ele *tava* falando dele. Então, é uma coisa que a gente deve de pensar. Os grande não dão valor àqueles que revelam uma verdade santa e perfeita. O pobre, o povo, nós *tamo cansado* de ver e de saber, não tem mesmo valor para os maiores. Principalmente nos dias de hoje. E eu digo isso com sinceridade, que é uma realidade mesmo, sabe? O pobre, quando fala da verdade da vida, quando ele fala uma coisa perfeita, ele fica para trás.

Sr. Jorge: Tem um negócio certo aqui. O Zacarias descreu quando ele ouviu um discurso feito aí por um presidente. Como é que foi mesmo, Zacarias?

Zacarias: É que o general que foi nomeado para ser presidente disse, uma vez, na televisão, para o rico não se embaraçar com o semblante tristonho do pobre. Que o pobre é sempre assim mesmo. Dali pra cá, esse presidente morreu para mim.

Sr. Jorge: É isso aí. O Zacarias ouviu esse discurso, que ficou gravado na vida dele. Para ele, esse presidente não adianta falar mais, porque, para ele, ele não vale mais nada. A preocupação dele era com os pobres, mas ele disse para os ricos que não se abatessem com o semblante do pobre, que o pobre é assim mesmo.

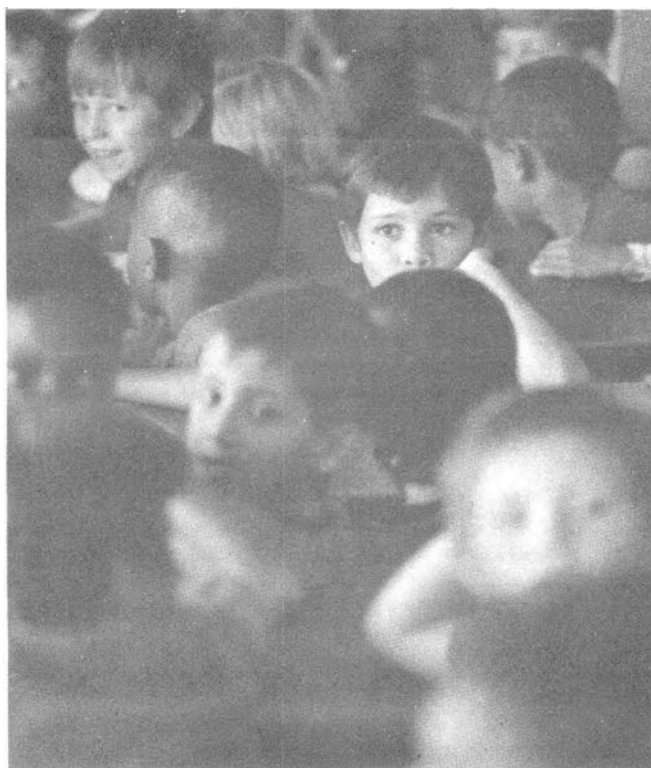
Sr. Sebastião: É o caso que eu falo. Se a gente disser uma verdade, uma verdade perfeita, não é ouvido...

Sr. José: Mas, se o rico falar qualquer coisa, ah! então, todo mundo escuta!

Sr. Fernando: Hoje nós lemos o Salmo 32. Se a gente, prestando atenção, vê que, de acordo com esse salmo, quase que não existe mesmo esperança para o rico entrar no Reino dos Céus. Só se ele fizer um esforço muito grande pra quebrar os laços do poder do dinheiro, para ele poder ter, realmente, um encontro com Deus. A maioria dos salmos fala sobre isso. Esse salmo 32 relata umas duas ou três vezes essa verdade, que vem coincidir com esse estudo que nós estamos fazendo agora, dessa passagem de Jesus com as crianças. O que o Sebastião falou é uma verdade verdadeira mesmo. Mas não é por isso que uma pessoa deixa de trabalhar para ter recursos. Mas que os recursos acumulados sejam postos nas mãos de Deus, para a glória Dele. Recursos que sejam para ele progredir e servir os outros, ajudando os pobres, os fracos, a progredir também. Não para que o homem viva regaladamente, achando que é importante só porque tem. Ele precisa pensar na justiça e nas necessidades dos outros. Ele tem que pensar na justiça e nas necessidades dos outros. Ele tem que pensar que um dia a matéria dele vai para a sepultura e, então, está tudo acabado. Eu entendo, meus irmãos, que o homem não nasceu só para si. Muitas pessoas pensam assim: vou deixar de ser tolo e deixar de trabalhar para ajudar os outros, pois só recebo ingratidão. Mas o homem não nasceu só para si. E Jesus Cristo recomendou muito bem: o quanto ele fizer, ele não espera receber. Deixa que Deus, que está em seu silêncio, vendo tudo, recompense ele. Servir os outros é uma obrigação de todo mundo, de todo ser humano. Só assim a justiça pode ser estabelecida entre todos.

Tem muita gente falando que Jesus nunca ficou mal-satisfeito. Temos essa passagem aí e outras mais, em que ele ficou muito bravo com a falta de amor e de justiça dos homens e mesmo daqueles que diziam que queriam servir com ele. Uma vez ele chamou os fariseus de sepulcros caiados. Sabe lá o que significa chamar alguém de caveira podre, fedorenta? E uma vez, no templo, ele tacou o pé numa mesa e revirou tudo pra lá, de raiva!

Na nossa leitura tá dizendo que Jesus se indignou com os seus discípulos porque eles *tavam* enxotando as crianças. A palavra indignou, um camarada indignado não é brincadeira não!



Hélio: Uma coisa que eu acho muito séria aqui é que Jesus pegou as crianças e comparou com o reino dele. Isso, pra mim, quer dizer que os homens, nós todos, temos de mudar de vida sempre, rejuvenescer, termos novas idéias e atitudes cada dia, que é pra gente ficar como criança e ter condições pra construir, com Jesus, o reino que é dele e nosso.

Sr. Sebastião: Nessa parte aí eu acho que o homem deve ser como criança para com os outros. Mas no sentimento, né? Porque criança faz muita arte e muita travessura e não é nisso que Jesus tá pensando. Eu, quando era criança, fazia muita arte, mas meu pai não me batia, porque eu sempre falava com ele. E, às vezes, eu tomava as travessuras dos meus *irmão* como sendo *minha* para eles não apanharem. Então, a criança tem uma coisa importante: a criança é simples. Mesmo quando ela tá em perigo, ela fala a verdade, é honesta com o outro. Então, eu acho que é por isso que Jesus disse que o Reino é das *criança*. E nós temos que ter essa simplicidade. Porque não adianta nada querer ser importante, pedante, entre os homens, porque um dia mosquito vai andar na mão de todos nós.

Sr. Antonio: Eu sempre me pergunto por que tem muitas pessoas que até entendem bem as Escrituras e atualmente não tenho visto nenhuma pregação que fale que, se a criança não for batizada morre pagão, é perdido. Mas antes, quando eu tinha trinta anos de idade, cheguei a ver um padre, chamado Padre João, lá num lugar chamado Ponto de Bois, no Estado do Pará, conversando comigo e o prefeito, falando que se a criança morrer e não for batizada ela também não será salva. Então eu disse pra ele: Mas, Padre (eu também não era crente, né?) eu tenho visto os *crente* dizer que as *criança* vai tudo pra presença de Deus. Então ele falou: Não, isso tá errado, eles não se *lembra* do pecado original, que toda criança tem. E esse pecado se acaba com o batismo. Então, é necessário que a criança seja batizada. Então, o prefeito falou: Tanto faz a criança ser batizada ou não, vai tudo pro céu, ninguém vai morrer. Aí, depois dessa palavra do prefeito, o padre não falou mais nada. Então, eu parei de crer nisso. E agora eu me lembro disso, vendo outra vez essas palavras de Jesus: dos tais é o Reino dos Céus. E aí não fala em batismo.

Dª Maria: Eu não creio nisso. Pra mim, como fala a Bíblia, as crianças são de Deus. E elas são salvas para a vida, assim como o ladrão que estava crucificado ao lado de Jesus. Ele não foi batizado, mas o importante é que ele se arrependeu. Ele mudou seu jeito de viver, de ver a vida. As *criança* num pode arrepender porque elas ainda *num sabe* da vida. Mas vivem na simplicidade que Deus quer.

Agora, nós temos é que ter essa simplicidade que é a fé. Mas a fé em Jesus Cristo. Porque tem muita fé por aí, que não vale nada, porque é fé que não muda a vida das pessoas.

Florinda: Tá todo mundo falando aí da simplicidade da criança, da inocência delas, de que só elas merecem o Reino e eu também tô de acordo. Mas, na leitura, tá bem claro que Jesus disse ainda que a gente tem de receber o Reino como uma criança e isso, pra mim, não é muito claro.

Regina: Eu acho que tudo o que foi dito tá certo mesmo. Mas a gente não pode esquecer que as crianças não são santinhas. Elas vivem com a gente e com gente grande. Recebem muitas influências. Nós somos a escola delas. Então, elas aprendem a ser egoístas, más, vingativas, etc., da gente.

José: Pois é isso aí. As crianças são influenciadas pelo meio. É onde elas crescem que elas aprendem do que é a vida. Por isso eu acho que hoje a nossa sociedade está estragando as crianças...

Florinda: É... A minha irmã de seis anos me faz cada pergunta, que eu fico pirada! Ela faz perguntas que eu só tive coragem de fazer quando já era grande...

José: Mas ela vê televisão, não vê? E você, quando era pequena, nem sabia o que era isso, não é? É o meio que está ensinando as crianças. E esse tal de meio só ensina o que não presta: ódio, briga, violência, injustiça, mentira, pouca-vergonha, e vai por aí... Então, as crianças crescem no abandono, mesmo quando têm casa, pai e mãe, porque estes não sabem nem podem se opor a essas influências, eles também são vítimas delas e, então, *tamos* nós com esse problema enorme, que parece que não tem jeito de se resolver...

Florinda: Uma coisa que me preocupa é que nós, aqui, e muita gente, aí fora, *tão* falando essas coisas. Todo mundo tem palavras bonitas e idéias boas para resolver esses problemas. Mas *tá* tudo disperso, espalhado, e muito pouco se faz. Como é que a gente pode fazer alguma coisa para unir esse pessoal para uma ação comum?

Sr. Manoel: Eu acho que a Igreja Presbiteriana, que tem orgulho de ser uma igreja que procura entender esses problemas, que está cheia de doutores, deveria tomar a frente para fazer alguma coisa pelos menores do nosso país. Tem tanto doutor por aí, em nossas igrejas... Por que eles não se unem, para enfrentar essa barra? Isso seria um ponto de partida. Quem tem capacidade deve assumir essa responsabilidade.

Sr. Antonio: A única pessoa que tem capacidade para transformar o mundo naquilo que deve ser é o dono que fez ele. Nem o Filho dele conseguiu virar a mente dos poderosos de seu tempo. E, se ele não conseguiu, homem nenhum conseguirá. Eu acho esse bate-papo interessante e importante. Mas, meus irmãos, isto não resolve nada. Não passa de um bate-papo entre quatro paredes. A única solução para os problemas do mundo é destruição e a salvação do Filho.

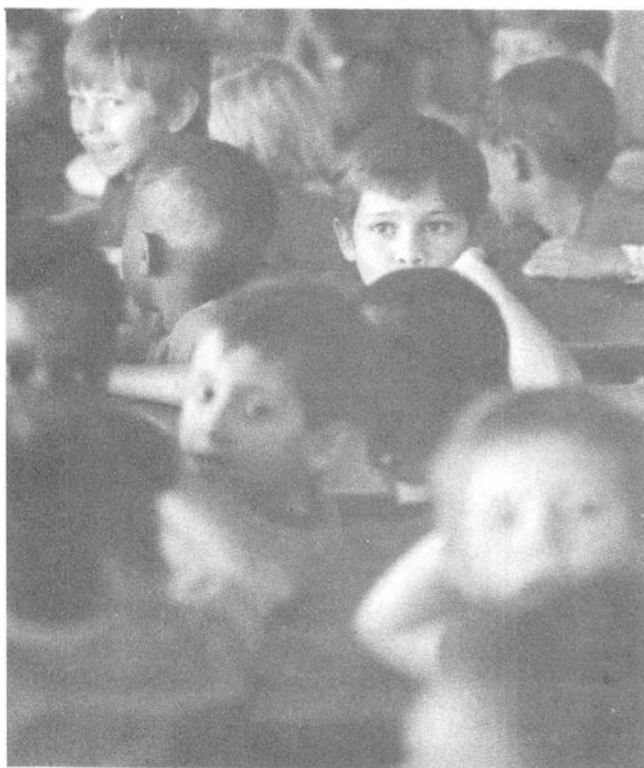
Sr. Manoel: Mas não se trata disso. Ninguém aqui está querendo resolver os problemas. Mas tentar conhecer esses problemas e ver as saídas que a gente pode dar pra eles. Que nós não vamos resolver, *tá* claro pra todo mundo.

Sr. Antonio: Eu continuo dizendo que essa discussão é perda de tempo porque não temos condição — e isso é bíblico — de resolver coisa nenhuma.

Josias: Mas nós estamos falando de coisas que nós podemos resolver. Não de todos os problemas. De alguns deles. Por exemplo, você sabe muito bem que esse negócio de ficar lendo Bíblia e orando o dia inteiro não serve pra nada. Nós precisamos é de partir para uma atividade, para uma ação que está no alcance da gente. Há necessidade que as crianças continuem morrendo de sarampo, nos dias de hoje? No entanto, no nosso país, elas morrem. E por que? Porque não há condição de saúde para a maioria e quem tem condição de resolver não está interessado nisso.

Sr. Antonio: É, mas quem está interessado hoje, quando sobe no poder vira a idéia. E fica se ocupando só dos *interesse* dele. Olha, eu conheço muitos *irmão* que ficaram ricos com a política. E sabe de uma coisa? Os *protestante* da vida governamental são uns *covarde* que, quando *tão* lá em cima, se juntam aos outros e ficam com medo de cadeia e não abrem a boca.

Silas: Claro, eles conseguiram também uma boca rica, ora!... Eu ouvi com estes ouvidos um famoso político presbiteriano dizer que



o problema do pobre não tem solução. Eles *tão* com tudo na mão e não fazem nada, compartilhando com os outros do bem-bom. E os de baixo que se virem!

Sr. Manoel: Bem, mas, então, deixam de ser cristãos. Porque, se você é cristão, você não pode dormir em cama de ouro, enquanto outros estão dormindo no chão. Um verdadeiro cristão não pode aceitar isso.

Dª Noemi: Para mim, tudo isso acontece porque não existe mais diálogo. Se houvesse diálogo, esses problemas seriam muito mais fáceis de resolver.

Severino: Olha, gente, o problema não é bem esse, não, na minha opinião. Nós, protestantes, estamos acostumados a nos acomodar, na espera de uma ação divina. Nós achamos, pensamos que não podemos fazer nada e que Deus é que tem de fazer tudo por nós. Queremos que Deus resolva aquilo que a gente pode resolver. Ou então, a gente se preocupa com as coisas grandes, que o governo deve resolver e nos esquecemos das coisas pequenas, que estão do nosso lado, no nosso dia-a-dia e que nós podemos dar solução para elas. Nós podemos enfrentar certos problemas, ou mesmo questionar, pensar sobre eles. A gente não faz nada e, então, fica sofrendo. Cada um de nós pode contribuir, dar uma parcela para ajudar na solução de muitos problemas que têm a ver com as crianças hoje. Temos é que somar o pouco de cada um e o resultado será mais que suficiente. Eu acho que a gente devia é discutir em cima disso.

Carlos: Eu acho que a gente já deu um passo muito importante ao trazer o problema da eleição da diretoria da Associação de Moradores aqui pra dentro. Tanto a chapa da situação como a da oposição já vieram discutir aqui. E isso eu acho que é muito importante e mostra que nós estamos interessados nos problemas da sociedade. É claro que os problemas da sociedade são complicados, mas a sociedade, para nós, começa aqui na nossa comunidade. E tem muita igreja protestante aqui no bairro, que não tem o mínimo interesse pelos problemas aqui do bairro.

Irene: Eu acho que nós temos de partir para um tipo de assistência social. Mas no sentido de ajudar o pessoal a entender as coisas. Não adianta ter um posto de saúde aqui, se as mães não sabem a importância disso e não levam seus filhos lá, pra serem vacinados. Outra coisa: é preciso dar aula de higiene pro pessoal. Com isso, eu acho que a gente ajudaria, e muito, para evitar que tantas crianças morram só por ignorância.

Elza: Mas isso só não resolve. Que adianta saber de higiene, se o

povo não tem comida? A comida, pra mim, é a primeira coisa. Um problema pra gente pensar.

Ana: Pra mim, esse negócio de assistência social tem que ser em conjunto. Os grandes líderes das igrejas protestantes deviam se unir, formando um círculo forte, para tomar a frente e programar essa assistência social. Esse é um trabalho que nós, protestantes, não temos feito para ajudar o povo e as igrejas têm condição para isso. A gente podia até pensar em comprar terra para fazer casa para os que não têm.

Carlos: Olha, nós temos é que fazer que nem aquele tal de Robson Crusoe, que chegou numa ilha abandonada. Pra sobreviver, ele teve que usar o material que tinha lá, na base da imaginação dele. Botou a cabeça pra pensar e resolveu muitos pequenos problemas e sobreviveu. Eu acho que esse é o nosso caso aqui. Temos que inventar a nossa maneira de fazer as coisas, de resolver os problemas que estão aí na nossa frente, como o das crianças e dos menores, por exemplo...

Zacarias: Olha, outro dia eu li no jornal que várias crianças aqui do bairro, vizinhas nossas, foram levadas para o Hospital Getúlio Vargas e morreram. Sabe do que? De fome! E nós não soubemos de nada! Eram crianças abandonadas, que as mães não tinham comida pra elas. E nós não soubemos de nada porque fica cada um na sua casa e não se importa com os outros. Nós só vemos a miséria da porta pra fora. Nunca entramos nas casas para ver o problema da porta pra dentro. Eu acho que nós temos que ajudar o povo a compreender que é preciso ajudar um ao outro. Nós, pequenos, não podemos fazer coisa grande. Mas o pouquinho que a gente dá pro outro já é uma salvação que a gente faz pra ele. Não é o muito, mas o pouco repartido — e aprendido que precisa ser repartido — que vai ajudar. O povo precisa por isso na cabeça dele. Que ele tem que se organizar pra poder viver melhor e ajudar outros a sobreviver.

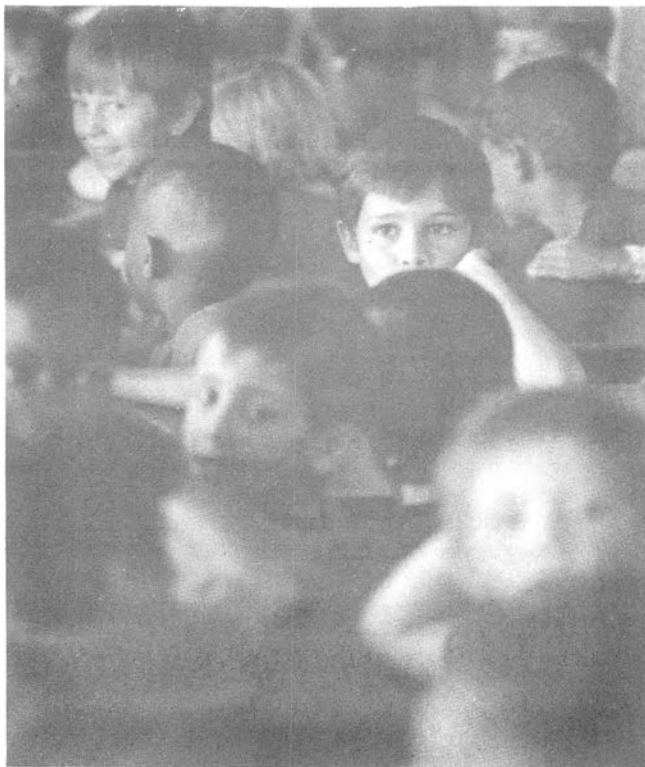
Severino: Eu acho também que a gente precisa acabar com a idéia que é muito nossa, muito protestante, que eu cuido das coisas de Deus e ele cuida de mim. Isso prejudica a nossa relação com os outros, pois eu termino não querendo saber nada com o meu próximo.

Sr. Antonio: Mas tem também o problema da autoridade, que foge da solução dos problemas. Isso, desde a autoridade dos pequenos, como na Associação (de Moradores), até chegar ao Presidente. Quando a gente leva alguém necessitado para a autoridade, ela, em lugar de tomar providência, manda para um outro organismo e não resolve nada. Essa tem sido a minha experiência. O negócio não é ficar falando e fazendo leitura bíblica. Nós temos é que nos unir para um trabalho verdadeiro, a fim de tentar resolver nossos problemas. O que não podemos é esperar pelos outros ou pelas autoridades.

Sr. Fernando: Eu acho que, no caso dos menores, as igrejas deviam se unir para exigir do governo. E isso sem medo, pois tem gente com medo de ser chamado de subversivo por causa de se preocupar com esses problemas. Mas a gente não pode se preocupar com isso. Que o governo prende e expulsa (agora até que nem) todo mundo sabe. Mas todas as igrejas reunidas, eu acho que muitos problemas seriam resolvidos, porque seria muito povo unido, exigindo a solução de muito problema.

Sr. Antonio: Gente, é preciso a gente lembrar que quem está em cima não quer acordo com quem está embaixo. Esse negócio de ficar você é pobre, eu sou rico, leva sempre um jeito pra tapear e evitar que os dois andem juntos. Muita madame de igreja, quando recebe visita de irmã mais pobre, sempre encontra um jeito pra irmã comer na cozinha, dizendo que tem que sair, que não pode comer naquela hora, etc. Os ricos não aceitam os pobres. Isto, os ricos daqui do Brasil, que não são tão ricos assim, imaginem os poderosos lá de fora, que estão com a chave do ouro na mão!

Ana: O problema das crianças é um problema do povo. Tá tudo misturado e a gente não pode separar para tentar resolver o das crianças, separado dos outros problemas. Para mim, o problema é o seguinte: há três *classe*, que *forma* uma pirâmide. Na ponta *tão* os ricos, os sábios; no meio *tão* os médios, que não querem saber de nada; e aqui, na camada de baixo, que é o trabalhador, aqui tem um povo que está bem estruturado, que já começa até a frequentar faculdade, eu pergunto: Por que não unir esse aqui de baixo, que é o alicerce? Por que não unir todos eles, para que essa pirâmide seja derrubada? Porque os pobres, se unindo, se ajudam uns aos outros.



Se um tem arroz, um feijão, pode ajudar o que não tem. Porque os ricos se unem, estão sempre do mesmo lado. Então, é preciso que o povo aprenda que tem que se unir para poder resolver seus problemas.

Rosa: Mas tem uma profecia de Jesus que diz: não tirarei o pobre da terra. E agora, como é que fica? Permita Deus que ele tenha falado do pobre de espírito, mas parece que é financeiramente mesmo, que ele falou...

Miguel: Mas não se trata de tirar o pobre, mas que todos eles tenham vida melhor!

D^a Noemi: Mas deixa estar, que Deus vai tirar dos ricos e dar para os pobres. O rico, então, ficará pobre e o pobre ficará rico!

Sr. Antonio: Olha, gente, essa é a mentalidade que os protestantes americanos conseguiram colocar na mente dos pobres brasileiros. O pobre pensa assim: nesta vida eu não consegui nada, mas, na outra, eu vou ter tudo. É assim que a maioria dos pobres brasileiros, especialmente os protestantes, pensa.

Irene: Mas, por isso, não: Paulo escreveu e disse: ele foi moço, ele foi pobre, mas nunca viu a sua descendência mendigar o pão. E hoje, o pobre *taí*, mendigando o pão, não tem o que comer. Mas Deus não mandou ninguém morrer de fome, pelo contrário. Isso *tá* na Bíblia também. Mas as crianças *tão* aí morrendo, carente de tudo. E a Bíblia não apóia isso em nada.

Sr. José: Jesus Cristo nos mostra uma igualdade e uma luta, mostrando que o homem cristão deve se compadecer pelos outros e buscar o bem de todos. Quem não age assim é rebelde diante de Deus e será destruído por sua rebeldia para a vontade de Deus. Agora, então, a gente tem que entrar nessa luta, mesmo sabendo que a gente não vai converter o mundo. Mas é o esforço de todos que vão caminhando com Jesus é que vai melhorando as coisas, construindo o Reino. O problema de nossas crianças tem que ser visto assim, é o que eu acho.

Ana: Tem um irmão aí que acha que o problema da criança brasileira não tem jeito. Então, como é que fica, ela vai continuar carente, morrendo sem assistência, sem escola, abandonada? Eu acho que a gente tem é que lutar contra isso. Não podemos cruzar os braços, temos que procurar fazer o que nós podemos, do contrário nós vamos é trair a Jesus, porque a criança é o homem e a mulher de amanhã. Se a gente não faz nada, como é que vai ser o futuro? Olhe, eu não queria nascer hoje, não, sabe?!

Declaração dos Direitos da Criança



Zão Dunin

1. A criança desfrutará de todos os direitos enunciados nesta Declaração. Estes direitos serão reconhecidos a todas as crianças sem exceção alguma, nem distinção ou discriminação por motivos de raça, cor, sexo, idioma, religião, opiniões políticas ou de outra índole, origem nacional ou social, posição econômica, nascimento ou outra condição, seja ela própria da criança, seja de sua família.

2. A criança gozará de uma proteção especial e disporá de oportunidades e serviços, dispensados todos eles pela lei e por outros meios, para que possa desenvolver-se física, mental, moral, espiritual e socialmente, em forma saudável e normal, assim como em condições de liberdade e dignidade. Ao promulgar leis com estes fins, a consideração fundamental a que se atenderá será o interesse superior da criança.

3. A criança tem direito, desde o seu nascimento, a um nome e a uma nacionalidade.

4. A criança deve gozar dos benefícios da previdência social. Terá direito a crescer e desenvolver-se em boa saúde, com este fim serão proporcionados, tanto a ela como à sua mãe, cuidados especiais, inclusive atenção pré e pós-natal. A criança terá direito a desfrutar de alimentação, moradia, recreação e assistência médica adequadas.

5. A criança, física ou mentalmente, impedida ou não que sofra algum impedimento social, deve receber tratamento, educação e cuidados especiais que requer seu caso particular.

6. A criança, para o pleno e harmonioso desenvolvimento de sua personalidade, necessita amor e compreensão. Sempre que seja possível, deverá crescer ao amparo e sob a responsabilidade de seus pais e, em todo caso, em um ambiente de afeto e de segurança moral e material; salvo circunstâncias excepcionais, não deverá separar-se a criança de tenra idade de sua mãe. A sociedade e as autoridades públicas terão a obrigação de cuidar, especialmente, das crianças sem família ou que careçam de meios adequados de subsistência. Para a manutenção dos filhos de famílias numerosas, convém conceder subsídios estatais ou de outra índole.

7. A criança tem direito de receber educação gratuita e obrigatória, pelo menos nas etapas elementares. Deverá lhe ser dada uma educação que favoreça sua cultura geral e lhe permita, em condições de igualdade de oportunidades, desenvolver suas aptidões e seu juízo individual, seu sentido de responsabilidade moral e social, e chegar a ser um membro útil à sociedade. O interesse superior da criança deve ser o princípio diretor daqueles que têm a responsabilidade

da sua educação e orientação; esta responsabilidade incumbe, em primeiro lugar, a seus pais. A criança deve desfrutar plenamente dos jogos e recreações, os quais deverão estar orientados para os fins perseguidos pela educação: a sociedade e as autoridades públicas se esforçarão por promover o gozo deste direito.

8. A criança deve, em todas as circunstâncias, figurar entre os primeiros a receberem proteção e socorro.

9. A criança deve ser protegida contra toda forma de abandono, crueldade e exploração. Não será objeto de nenhum tipo de transação. Não deverá permitir à criança trabalhar antes da idade mínima adequada; em nenhum caso será levada ou ser-lhe-á permitido empenhar-se em qualquer ocupação ou emprego que lhe prejudique a saúde ou a educação, ou que lhe impeça o desenvolvimento físico, mental ou moral.

10. A criança deve ser protegida contra as práticas que possam fomentar a discriminação racial, religiosa ou de qualquer outra índole. Deve ser educada num espírito de compreensão, tolerância, amizade entre os povos, paz e fraternidade universal, e com plena consciência de que deve consagrar suas energias e atividades ao serviço de seus semelhantes.